A Liahona 28/12 dezembro 1975

A Liahona 28/12 dezembro 1975

1 MENSAGEM DA PRIMEIRA PRESIDÊNCIA: O EXEMPLO DE ABRAÃO
Presidente Spencer W. Kimball
5 O CENTRO DO NADA
7 MARIA E JOSÉ
Robert J. Matthews
11 O ESPÍRITO DO NATAL
Élder Thomas S. Monson
13 CELEBRAÇÃO DE UM PROFETA
14 ESCOLA DOMINICAL NAS MONTANHAS ROCHOSAS
15 A CANÇÃO TIROLESA
17 MENSAGEM DE NATAL PARA AS CRIANÇAS DA IGREJA EM TODO O MUNDO
da Primeira Presidência
18 A NOITE EM QUE O MUNDO PAROU
Dorothy Leon
20 SÓ PARA DIVERTIR
21 OS DOZE PRESENTES DE NATAL
Joyce Backstrom
21 ESCRITURAS E OVOS MEXIDOS
Gary J. Coleman
22 OS FELIZES IRMÃOS NAQUELE NATAL
24 MÃE DE MISSIONÁRIOS
Petra G. de Hernandez
26 AS PESSOAS QUE NOS INFLUENCIAM
Élder William Grant Bangerter
27 UMA QUESTÃO DE LIVRE ARBÍTRIO
Élder Robert D. Hales
28 FUNDAMENTADO NO TESTEMUNHO
Élder Joseph B. Wirthlin
29 MINHA MÃE GANHOU UM FILHO MELHOR
Élder Adney Y. Komatsu

Pág. 9

Pág. 13

Pág. 14

Pág. 16

Pág. 19

A PRIMEIRA PRESIDÊNCIA
Spencer W. Kimball
N. Eldon Tanner
Marion G. Romney

CONSELHO DOS DOZE
Ezra Taft Benson
Mark E. Petersen
Delbert L. Stapley
LeGrand Richards
Hugh B. Brown
Howard W. Hunter
Gordon B. Hinckley
Thomas S. Monson
Boyd K. Packer
Marvin J. Ashton
Bruce R. McConkie
L. Tom Perry

COMITÊ DE SUPERVISÃO
Robert D. Hales
O. Leslie Stone
Neal A. Maxwell
John E. Carr
Doyle L. Green
Dean L. Larsen
Daniel H. Ludlow
Verl F. Scott

EXECUTIVO DO INTERNATIONAL MAGAZINE
Larry Hiller, Editor Gerente
Carol Larsen, Editor Associado
Roger Gylling, Designer

EXECUTIVO DA "A LIAHONA"
José B. Puerta, Editor Responsável
José G. F. da Silva, Editor Nacional
Francisco J. P. Souza,
Bruno Reback, Fotógrafos

REGISTRO: Está assentado no cadastro da DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS, do D.P.F., sob o n.º 1151-P 209/73 de acordo com as normas em vigor.

SUBSCRIÇÕES: Toda a correspondência sobre assinaturas deverá ser endereçada ao **Departamento de Assinaturas, Caixa Postal 19079, São Paulo, SP.** Preço da assinatura anual para o Brasil: **Cr$ 20,00;** para o exterior, simples: US$ 5,00; aérea: US$ 10,00. Preço do exemplar avulso em nossa agência: Cr$ 2,00; exemplar atrasado: Cr$ 2,50. As mudanças de endereço devem ser comunicadas indicando-se o antigo e o novo endereço.

A LIAHONA — Edição brasileira do International "Magazine" d'A Igreja de Jesus Cristo dos Santos Últimos Dias, acha-se registrada sob o número 93 do livro B, n.º 1, de Matrículas de Oficinas Impressoras de Jornais e Periódicos, conforme o Decreto n.º 4857 de 9-11-1930. "International Magazine" é publicado, sob outros títulos, também em alemão, chinês, coreano, dinamarquês, espanhol, finlandês, francês, holandês, inglês, italiano, japonês, norueguês, samoano, sueco, italiano e tonganês. Composta pela Linotipadora Cacique Ltda., R. Abolição, 201, telefone 32-7743. Impressa pela Editora Gráfica Lopes, R. Peribebuí n.º 331, telefone 276-8222, São Paulo, SP. Devido à orientação seguida por esta revista, reservamo-nos o direito de publicar somente os artigos solicitados pela redação. Não obstante, serão bem-vindas todas as colaborações para apreciação da redação e da equipe internacional do "International Magazine". Colaborações espontaneas e matérias dos correspondentes estarão sujeitas a adaptações editoriais.

Mensagem da Primeira Presidência

Presidente **SPENCER W. KIMBALL**

O Exemplo de Abraão

O cumprimento de sua mordomia no lar levou o Senhor a dizer de Abraão: "Porque eu o tenho conhecido, que ele há de ordenar a seus filhos... que guardem o caminho do Senhor." (Gên. 18:19.)

No dia 21 de setembro de 1823, o Anjo Morôni apareceu ao Profeta Joseph Smith, na sua casa paterna em Manchester, Nova York. No decorrer dessa revelação, ele citou uma profecia contida no capítulo quatro de Malaquias e que diz: "Eis que eu vos revelarei o Sacerdócio pela mão do Profeta Elias, antes da vinda do grande e terrível dia do Senhor." (Joseph Smith 2:38) Esta profecia, feita quase dois mil e trezentos anos antes, cumpriu-se no princípio do verão de 1829, quando Joseph Smith e Oliver Cowdery receberam o Sacerdócio de Melquisedeque sob as mãos de Pedro, Tiago e João, "que vos enviei, e por quem vos ordenei e confirmei apóstolos e testemunhas especiais do meu nome". (D&C 27:12)

A restauração do Sacerdócio de Melquisedeque, chamado o "Santo Sacerdócio segundo a Ordem do Filho de Deus" (D&C 107:3), é um acontecimento de suprema importância para o homem nesta dispensação, pois é o poder e autoridade de Deus delegados ao homem na terra para agir em todas as coisas concernentes à salvação dos homens. É o meio pelo qual o Senhor age através dos homens para salvar almas. Sem esse poder do Sacerdócio, os homens estão perdidos. Somente através dele, o homem pode "possuir as chaves de todas as bênçãos espirituais da igreja", capacitando-o a "receber os mistérios do reino do céu, e ver abertos os céus." (Vide D&C 107:18-19.) Permite-lhe entrar no novo e eterno convênio do casamento, e ter sua esposa e filhos selados a si num vínculo eterno, habilitando-o a tornar-se um patriarca de sua posteridade para sempre, e receber a plenitude das bênçãos do Senhor.

Meus queridos irmãos, refleti por um momento na imensa magnitude das bênçãos prometidas aos que são valentes em seus chamados sacerdotais: "Pois aqueles que forem fiéis até a obtenção destes dois Sacerdócios dos quais falei, e magnificam os seus chamados, são santificados pelo Espírito para a renovação de seus corpos.

"Eles se tornam os filhos de Moisés e de Aarão e a semente de Abraão, e a igreja e o reino, e os eleitos de Deus." (D&C 94:33-34.)

Os eleitos de Deus! Um momento de reflexão deveria convencer-nos de que nenhum sacrifício seria grande demais para um homem e uma mulher e seus filhos se qualificarem para ser os eleitos de Deus! Todavia, essas promessas de grandes bênçãos são condicionais; não sei de nenhuma que não o seja — até mesmo a ressurreição, pois cada um de nós teve que qualificar-se na preexistência para poder receber a bênção de um corpo imortal.

Todas as bênçãos, pois, são condicionadas à fidelidade. Somos ordenados ao Sacerdócio com uma promessa condicional; somos casados e selados no templo sob condição de sermos fiéis. E até onde vai meu conhecimento, não há nada — nenhuma bênção no mundo — que alguém possa receber sem ser pela fidelidade.

Os fiéis no Sacerdócio são aqueles que cumprem o convênio, magnificando seus chamados e vivendo de toda a palavra que sai da boca de Deus. (Vide D&C 84:33, 44) Estes requisitos parecem implicar muito mais que pretensa obediência — é preciso muito mais que comparecer a umas poucas reuniões e cumprimento pró-forma das designações. Estão implicitos a perfeição do corpo e espírito, e isto inclui o tipo de serviço que vai muito além da definição normal do dever. "Eis que muitos são chamados, mas poucos são escolhidos." (D&C 121:34.)

Cristo é o exemplo supremo para todo portador fiel do Sacerdócio. Examinando as Escrituras, encontro muitos que seguiram esse supremo paradigma, qualificando-se para as bênçãos prometidas através do Sacerdócio. Um deles foi Abraão, cuja vida é um modelo que elevará e edificará qualquer pai nesta Igreja que deseje tornar-se um autêntico patriarca para sua família.

Aprendemos alguma coisa sobre o caráter de Abraão, quando lemos nas Escrituras como ele se empenhou diligentemente, a fim de qualificar-se para as grandes bênçãos que lhe eram oferecidas através do Sacerdócio:

"E, achando que havia maior felicidade e paz e descanso para mim, busquei as bênçãos dos patriarcas e o direito pelo qual eu deveria ser ordenado para administrá-las; e tendo eu mesmo sido seguidor da retidão, desejando ser também possuidor de grande conhecimento, e ser o maior seguidor da justiça, e possuir maior conhecimento, e ser pai de muitas nações, um príncipe da paz e desejando receber instruções e guardar os mandamentos de Deus, cheguei a ser herdeiro

legítimo, sumo sacerdote, com o direito que pertencia aos patriarcas." (Abr. 1:2.)

Ainda que sua família se houvesse "transviado de sua justiça" (Abr. 1:5) e seguido os caminhos da idolatria, Abraão deu-se conta das bênçãos reservadas aos fiéis e procurou seriamente guardar os mandamentos de Deus. E assim qualificou-se para a divindade através da obediência, não fazendo "nada mais... do que aquilo que... (lhe) foi mandado". (D&C 132:37) A obediência de Abraão, e conseqüentemente sua bênção, foi tamanha, que o próprio Senhor é citado por todas as Escrituras como "o Deus de Abraão, o Deus de Isaque e o Deus de Jacó". (Vide, como exemplo, Êxodo 3:6, onde o próprio Senhor se intitula assim.)

Existem muitos exemplos da obediência de Abraão à vontade do Senhor. Em Gênesis, lemos que Deus ordenou a Abraão que circuncidasse todos os homens de sua casa. Ao receber esse mandamento, ele não respondeu: "Sim, obedecerei ao Senhor, mas primeiro tenho que levar minhas ovelhas para outra pastagem e consertar minhas tendas. Acho que vou poder obedecer lá pelo fim da semana, ou no princípio da próxima, o mais tardar." Em vez de procrastinar assim sua obediência, Abraão foi e cumpriu a ordem "neste mesmo dia." (Gên. 17:26)

Um exemplo semelhante, porém bem mais significativo, foi sua obediência ao mandamento de Deus de sacrificar seu único filho, Isaque. Abraão poderia ter posto essa horrível tarefa de lado, ou mesmo decidido ignorá-la totalmente; mas, em vez disso, levantou-se cedo na manhã seguinte e se pôs a caminho do lugar indicado.

Quantas vezes os membros da Igreja se levantam cedo para fazer a vontade do Senhor? Quantas vezes não dizemos: "Claro que vou fazer reunião famíliar; mas, no momento, as crianças são ainda muito pequenas; começarei quando forem maiorzinhas"? Ou então: "Vou cumprir o mandamento de armazenar mantimentos e de ajudar aos meus semelhantes, mas justamente agora não tenho tempo nem dinheiro; obedecerei assim que puder?" Oh, povo insensato! Enquanto procrastinamos, a colheita terminará e não seremos salvos. Agora é o momento de seguir o exemplo de Abraão; agora é o tempo de arrepender-se; agora é o momento de obedecer prontamente à vontade de Deus.

Abraão é um modelo para nós também sob outros aspectos. Sua fidelidade, por exemplo, qualificou-o a receber revelação para sua família; na verdade falava seguidamente com o Senhor "face a face". (Abr. 3:11) Todos deveriam buscar a bênção da revelação. Homens e mulheres justos têm o espírito de revelação para guiarem sua família e para ajudá-los nas demais responsabilidades. Porém, assim como Abraão, temos que procurar qualificar-nos para essa revelação, pondo nossa vida em ordem e familiarizando-nos com o Senhor, por meio de freqüentes e regulares conversas com ele.

O desejo de Abraão, de fazer a vontade de Deus em todas as coisas, fê-lo presidir sua família em retidão. Ele sabia que, a despeito de todas as suas outras responsabilidades, se deixasse de ensinar e exemplificar o Evangelho a seus filhos, teria fracassado na mais importante mordomia que recebera. O ensino e exemplo de Abraão no lar levou o Senhor a dizer: "Porque eu o tenho conhecido, que ele há de ordenar a seus filhos e a sua casa depois dele, para que guardem o caminho do Senhor, para obrarem com justiça e juízo..." (Gên. 18:19) Conforme nos é dito no folheto **Pai, Considere Sua Responsabilidade:**

"Paternidade é liderança, a mais importante forma de liderança. Isto sempre tem sido assim, e sempre o será. Pai, com a assistência, conselho e encorajamento de sua companheira eterna, você preside no lar. Não se trata de saber se você é o mais digno, ou melhor qualificado; é, sim, uma questãjo de lei e designação. Você preside à mesa das refeições, nas orações familiares, nas reuniões familiares e conforme for guiado pelo Espírito do Senhor, providenciará que seus filhos recebam ensinamento de princípios corretos. Sua posição é de superintender todas as coisas relacionadas com a vida famíliar. Você dá bênçãos paternas, você toma parte ativa no estabelecimento de disciplina e regras para a família. Como líder no lar, você planeja e se sacrifica para alcançar a bênção de uma família unida e feliz. Para fazer tudo isso, é necessário que tenha sua vida centralizada na família."

A responsabilidade primordial de pais e mães é sua família. Trabalhando juntos, eles podem conseguir o tipo de lar que o Senhor espera. Demonstrando amor e consideração recíprocos e pelos filhos, poderão formar um reservatório de força espiritual que nunca se esgotará.

Certas famílias negligenciam a formação desse lastro para seus filhos, fiando-se unicamente no afluxo de outras fontes. Dependem da Escola Dominical ou seminário; mas, uma barragem assim construída é como se fosse de pedras e galhos, cheia de fendas e buracos, que desmorona quando vem a tormenta. As auxiliares da Igreja são muito importantes, e todos deveríamos participar das bênçãos que nos oferecem. Entretanto, nunca, nunca deveríamos permitir que substituam os pais. As auxiliares não desobrigam os pais da responsabilidade de ensinar aos filhos o Evangelho de Jesus Cristo. Abraão construiu um forte reservatório espiritual para seu filho Isaque, um reservatório que nunca secou. E vemos assim Isaque tornar-se um dos grandes patriarcas do Velho Testamento.

Do Presidente Joseph F. Smith, recebemos alguns valiosos conselhos nesse sentido: "...deixai o Espírito de Deus tomar posse de vossos corações. Ensinai... vossos filhos... em espírito e poder, apoiados e fortalecidos pela prática pessoal. Deixai-os ver que sois sinceros e praticais o que dizeis. Não permiti que vossos filhos fiquem sujeitos a especialistas nessas coisas, mas ensinai-os pelo próprio preceito e exemplo dentro do lar. Sede vós mesmos especialistas na verdade. Fazei com que as nossas reuniões, escolas e organizações, ao invés de serem nossos únicos ou principais mestres, sejam um complemento ao que ensinamos e praticamos no lar." (A Doutrina do Evangelho, vol. II, p. 47) Seguindo este conselho, veremos o Senhor sorrindo diante de nosso empenho; encontraremos a paz nascida do cumprimento do dever com um coração puro.

Porém, não podemos limitar nossa conduta justa ao nosso lar. Temos que igualmente fazer tudo o que podemos a bem de nossos semelhantes. Parte de nossa responsabilidade nesse sentido é o trabalho missionário. Aqui, mais uma vez, Abraão é um exemplo. O Senhor chamou-o, dizendo: "...propus-me tirar-te de Harã e fazer de ti um ministro que levará meu nome a uma terra estranha..." (Abr. 2:6) Tendo já prestado testemunho do Evangelho aos seus vizinhos, ele aceitou o chamado para ir pregá-lo numa nova terra, e assim partiu com sua família "e as almas que havíamos ganho em Harã". (Abr. 2:15)

Exatamente como o Senhor chamou seu servo Abraão para servir como missionário há quatro mil anos, está chamando hoje seus santos. Todos nós devemos ser missionários e preparar nossos filhos para serem missionários de tempo integral. Os que envidaram um esforço, por menor que fosse, de compartilhar o Evangelho, podem testificar da alegria encontrada em partilhá-lo com seus irmãos. Nosso empenho em difundir o Evangelho tem sido pouco; precisamos fazer mais. Temos que proclamar o Evangelho ao mundo como fez Abraão, não nos limitando a falar dele, mas vivendo-o, para que os outros possam enxergar a verdade.

Temos que experimentar a paz proveniente do arrependimento e perdão. e depois proclamar essa paz ao mundo. Abraão, um constante modelo de hombridade, procurou fazer com que houvesse paz entre seus irmãos. Disse ele a Ló: "Ora, não haja contenda entre mim e ti... porque irmãos

somos." (Gên. 13:8) Uma vez encontrada a paz interior, devemos compartilhá-la, mostrando-nos longânimos, gentis e humildes, e tendo o puro amor de Cristo a todos os que encontramos.

Essa paz só se obtém através da integridade. Quando fizermos um convênio ou acordo com Deus, devemos cumpri-lo a qualquer custo. Não sejamos iguais ao estudante que concorda em viver segundo determinados padrões de conduta e depois quebra sua palavra e quer ver por quanto tempo consegue continuar enganando. Não sejamos como o missionário que concorda em servir o Senhor durante dois anos e depois desperdiça seu tempo com indolência e desculpas tolas. Não sejamos como o membro da Igreja que participa do sacramento pela manhã, depois profana o domingo à tarde, limpando a casa ou vendo televisão, ou passando-o dormindo, em lugar de servir. Pelo contrário, tenhamos a integridade de Abraão, cumprindo na íntegra os solenes contratos feitos com Deus.

"E o rei de Sodoma disse a Abraão: Dá-me a mim as almas, e a fazenda toma para ti.

"Abraão, porém, disse ao rei de Sodoma: Levantei minha mão do Senhor, o Deus Altíssimo, o Possuidor dos céus é da terra.

"Que desde um fio até à correia de um sapato, não tomarei cousa alguma de tudo o que é teu..." (Gên. 14:21-23)

O rei de Sodoma nada sabia do convênio de Abraão com o Senhor. Abraão poderia ter-se enriquecido, aceitando a generosidade do rei. Porém, havia feito um juramento que não queria violar. Oh, que todos os filhos de Deus fossem tão fiéis!

Abraão foi leal a Deus em todos os sentidos. Muitas vezes é citado o fato de que Abraão dava a Deus "o dízimo de tudo". Achais que era mais fácil para Abraão ser justo do que para vós? Acaso suspeitais intimamente de que Abraão recebeu uma ajudazinha extra do Senhor para tornar-se um grande e justo homem? Ou sentis que todos nós podemos ser como Abraão, se aprendermos a colocar Deus em primeiro lugar em nossa vida? Eu vos testifico que podemos tornar-nos iguais a Abraão, o qual, em virtude de sua valentia, "entrou para a sua exaltação e se assenta em seu trono". (D&C 132:29) Esta exaltação é uma bênção reservada unicamente para as Autoridades Gerais, presidentes de estaca ou quorum, ou bispos? Não é, não. É uma bênção reservada para todos aqueles que se prepararem, abandonando seus pecados, recebendo verdadeiramente o Espírito Santo em sua vida e seguindo o exemplo estabelecido por Abraão.

Se os membros da Igreja pudessem ao menos ter a mesma integridade, a mesma obediência, a mesma revelação, a mesma fé, o mesmo serviço de Abraão! Se os pais procurassem as bênçãos que Abraão buscou, poderiam também obter as mesmas revelações, convênios, promessas e recompensas eternas que ele recebeu.

"Pai... poderá você dizer que criou um ambiente em seu lar de molde a edificar a fé em um Deus vivo, a encorajar o estudo, a ensinar ordem, obediência e sacrifício? Que freqüentemente compartilhava seu testemunho da realidade de seu Pai nos céus, da veracidade do Evangelho restaurado com sua esposa e filhos? Poderá você relatar que seguia os profetas vivos? Que seu lar era o local onde seus filhos pequeninos podiam sentir-se protegidos e seguros, e onde acharam amor, aceitação e calor de sua parte e da parte da mãe? (Extraído de **Pai, Considere Sua Responsabilidade.**)

Imploro aos presidentes de estaca e dos quoruns do Sacerdócio de Melquisedeque que inspirem e instruam os pais e homens dos quoruns, a fim de que compreendam a importância do chamado de pai. Imploro aos portadores do Sacerdócio em toda a Igreja que retornem a seus reinos — o lar — e com bondade e justiça, inspirem seus familiares a obedecerem a Deus. Imploro às mães que sigam seus maridos em retidão, para motivá-los a alcançar grandeza espiritual.

Agi agora, antes que seja tarde. Está na hora de traçar o rumo que seguireis amanhã, na próxima semana, no ano que vem. Agora é o momento para vos comprometerdes a ser como Abraão, a seguir o Senhor, a não procrastinar, a arrepender-vos dos pecados que cometestes, a começar a guardar os mandamentos que tendes ignorado. Decidi agora a comparecer todo domingo à reunião do Sacerdócio e reunião sacramental, a pagar fielmente o dízimo, apoiar de fato as Autoridades Gerais da Igreja, prestigiar os programas da Igreja, visitar o templo com freqüência (ou sempre que possível, quem reside longe), prestar serviço nas organizações, e agir de maneira construtiva e ter atitudes positivas.

Lembrai-vos de que Abraão procurou obter o Sacerdócio. Êle não esperou que Deus viesse a ele; procurou aprender a viver segundo a vontade de Deus através da oração e obediência. Eis, pois, o desafio do Senhor a todo ex-missionário, a todo homem e mulher solteiros, a todo pai e mãe da Igreja: "Vai, portanto, e faze as obras de Abraão." (D&C 132:32)

Seguindo o exemplo de Abraão, havemos de crescer de graça em graça, e encontraremos maior felicidade, paz e descanso, tendo a estima de Deus e dos homens. Seguindo seu exemplo, confirmaremos sobre nós e nossa família felicidade e realização nesta vida e por toda a eternidade.

---

1 **Tendo já prestado testemunho do Evangelho aos seus vizinhos, Abraão aceitou o chamado para ir pregá-lo numa nova terra. Disse o Senhor: "...propus-me tirar-te de Harã e fazer de ti um ministro que levará meu nome a uma terra estranha." (Abr. 2:6.)**

2 **Temos que experimentar a paz proveniente do arrependimento e perdão, e depois proclamar essa paz ao mundo. Abraão, um constante modelo de hombridade, procurou fazer com que houvesse paz entre seus irmãos. Disse ele a Ló: "Ora, não haja contenda entre ti e mim... porque irmãos somos." (Gên. 13:8.)**

Ilustração de
JAMES CHRISTENSEN

O Centro do Nada

O horizonte ainda não mostrava sinal algum do alvorecer, quando um trem parou num desvio para reabastecer-se de água, na região sul do México. Não havia nenhum povoado à vista, nada além dos indistintos contornos de montanhas e matas. Antes de o trem soltar sua primeira baforada de vapor, anunciando sua iminente partida, um rapaz mexicano, de terno e gravata, de repente cutucou seu companheiro gringo, sentado no mesmo banco do vagão de passageiros.

— Pegue sua maleta, — mandou. — Nós vamos saltar.

Ignorando os protestos tartamudeados do amigo sonolento, em poucos minutos ambos estavam ao lado dos trilhos, na friagem das quatro da madrugada, quando o trem partiu bufando e resfolegando, ganhou velocidade e desapareceu. Finalmente bem acordado, o companheiro comentou com descrença:

— Mas estamos no meio da noite, no centro do nada e não haverá outro trem até amanhã de manhã!

— Eu sei, — replicou o jovem mexicano, — mas o Espírito me mandou saltar, e por isso saltamos.

O companheiro encolheu os ombros. Se era assim, não adiantava argumentar. O Élder Parra, presidente do Distrito de Puebla da missão, não era nenhum maluco, e todo mundo sabia que vivia próximo ao Senhor.

— Muito bem, — disse o americano estoicamente. — E agora?

Apontando para a escuridão, o Élder Parra decidiu:

— Comecemos a andar.

E assim puseram-se a caminho, tropeçando por uma encosta acima para descer do outro lado. A aurora mostrou-lhes outra montanha e mais outra atrás da primeira, que também foram vencidas. Afinal, depois de uns vinte e sete quilômetros, avistaram uma aldeia. Galgando uma pequena colina das vizinhanças, tiraram os hinários e começaram a cantar. Terminado o primeiro, cantaram outro hino e depois mais outro, até que todo o povo da vila saiu de casa e subiu a colina para ver o que estava acontecendo.

Quando todos se encontravam reunidos em torno deles, os dois missionários se puseram a pregar. Pregaram durante metade do dia, e quando terminaram, represaram um riacho que passava perto dali e batizaram todos os moradores com mais de oito anos de idade. A seguir, ordenaram um élder para ser presidente do pequeno ramo recém-criado e refizeram a caminhada para pegar o trem do dia seguinte.

Recentemente, o Élder Parra visitou de novo o sul do México, desta feita como presidente da Missão do México-Vera Cruz. Esta missão apresenta o maior número de batismos na Igreja, com elevada porcentagem de membros ativos, e orgulha-se de um vigoroso programa missionário da juventude.

A pequena vila nas montanhas é um florescente ramo, com cerca de duzentos membros, que mantém um missionário de tempo integral no campo e espera construir uma capela.

Para eles, faz uma enorme diferença que certo élder mórmon tenha tido fé suficiente para saltar de chofre de um trem às quatro da manhã, bem no centro do nada.

MARIA E JOSÉ

Herdeiros de Davi, Altamente Agraciados, Guardiães de Nosso Senhor

ROBERT J. MATTHEWS

A história de Maria e José está muito bem descrita no Novo Testamento; porém, a fim de poder apreciá-la devidamente, devemos conhecer algumas coisas da vida deles e reconhecer certas circunstâncias especiais.

É fundamental saber que Maria é a mãe terrena de Jesus, e que José era o marido dela. Considerem as implicações de Maria e José como pais terrenos e guardiães de Jesus. Jesus Cristo é o primogênito do Pai em espírito, e o Unigênito na carne, o tema central das Escrituras. Os profetas, a começar por Adão, prestaram testemunho dele e de sua obra. Na existência pré-mortal, ele era Jeová, sendo escolhido pelo Pai Celestial para ser o Salvador da humanidade.

Nessa qualidade de Salvador, ele representou o Pai em todas as coisas concernentes à salvação do homem. Foi o criador dos mundos e visitou pessoalmente antigos patriarcas e profetas para fazer com eles convênios do Evangelho. Foi conhecido e adorado por Adão, Enoque, Noé, Abraão, Moisés, Isaias, Néfi, Alma e muitos outros. Era forte e poderoso, sábio e onisciente, bom e misericordioso. Ele foi e é o "Santo de Israel", o Deus do mundo inteiro.

Assim como Jesus foi escolhido para sua missão redentora no mundo pré-mortal, seus profetas também foram pré-designados para suas missões terrenas, segundo sua fidelidade. (Vide Abr. 3:22-23; Alma 13:2-10) Foi na vida pré-mortal que os filhos e filhas fiéis de Deus receberam as primeiras lições de retidão e se tornaram seguidores de Jesus. Alguns foram preordenados como profetas; outros, sem dúvida, designados a serem pais, mães e esposas de profetas.

Não é impróprio, portanto, crer que Maria e José hajam sido escolhidos naqueles remotos conselhos pelo Pai como guardiães terrenos de Jesus. A Maria foi concedido o privilégio e responsabilidade únicos de trazer ao mundo o grande Jeová, no qual ele obteria um corpo de carne e ossos, experiência mortal e continuaria sua missão para redimir a humanidade.

A significância de seu nascimento mortal era muito mais incisiva do que muitas vezes imaginamos. Não se constituía numa circunstância experimental, tampouco um evento optativo no plano de salvação. A vinda ao mundo do Jesus parte divino, parte mortal, Filho de Maria e Unigênito do Pai, era uma necessidade absoluta. Não havia outro meio de salvar o gênero humano. Somente o próprio Senhor era capaz de realizar a redenção, vindo para a mortalidade, participando da natureza do homem, vivendo uma vida sem mácula, expiando com o próprio sangue os pecados dos homens, morrendo e ressurgindo dentre os mortos com seu corpo físico. (Vide Alma 34:8-16; Mosiah 7:27) A justiça eterna não admitiria outro meio. Sem esse procedimento e esse Redentor, todas as pessoas, assim que morressem, tornar-se-iam "demônios, anjos de um demônio, para... (serem) afastados da presença de nosso Deus, permanecendo com o pai das mentiras, em miséria, como ele..." (2 Néfi 9:9)

A primeira alusão escriturística a Maria encontramo-la nos escritos de Moisés. O Pai, dirigindo-se à serpente no Jardim do Éden, depois da transgressão de Adão, diz: "E porei inimizade entre ti e a mulher, entre tua semente e a dela; e ela te ferirá na cabeça e tu a ferirás no calcanhar." (Moisés 4:21; comparar com Gên. 3:15)

Cerca de 700 A.C. é feita uma referência direta à mãe terrena do Salvador por Isaías: "...Eis que uma virgem conceberá e dará à luz um filho, e será o seu nome EMANUEL". (Isa. 7:14) O Novo Testamento identifica esta passagem como uma previsão referente a Maria e o nascimento de Jesus. (Vide Mat. 1:22-23)

Os nefitas externaram essa verdade em linguagem ainda mais clara. Aproximadamente seiscentos anos antes do nascimento de Jesus, dizia Néfi:

"...vi a cidade de Nazaré, e nessa cidade vi uma virgem que era extremamente formosa e branca.

"E aconteceu também que vi os céus abertos; e um anjo desceu e, pondo-se em minha frente, disse...

"...A virgem que vês é a mãe do Filho de Deus, segundo a carne.

"Eu olhei e vi a virgem novamente, carregando uma criancinha em seus braços.

"E disse-me o anjo: Eis aqui o Cordeiro de Deus, sim, o Filho do Pai Eterno." (1 Néfi 11-13-14, 18, 20-21)

Mais tarde, cento e vinte e quatro anos antes do nascimento do Salvador, o Rei Benjamim explica ter sido visitado por um anjo que lhe disse que o Redentor se chamaria "Jesus Cristo, o Filho de Deus, o Pai dos céus e da terra, o Criador de todas as coisas, desde o princípio; e sua mãe se chamará Maria." (Mosiah 3:8)

Mais tarde ainda, uns oitenta anos antes de o Senhor nascer, Alma ensinava ao povo: "E eis que nascerá de Maria, em Jerusalém, que é a terra de nossos antepassados. Ela será virgem, um vaso precioso e escolhido, e o Espírito Santo a cobrirá com sua sombra e ela conceberá pelo poder dele e gerará um filho, sim, o próprio Filho de Deus." (Alma 7:10)

Tais detalhes específicos sobre Maria não poderiam ser conhecidos tanto tempo antes, a menos que tivesse sido designada para esse chamado na vida pré-mortal.

Existe ainda outra circunstância ligada à escolha dos pais mortais do Senhor. Ele deveria nascer da família de Davi, ser herdeiro do trono de Davi. Assim, seria literalmente o rei dos judeus, pela própria lei deles. Isaías toca neste ponto:

"Porque um menino nos nasceu, um filho se nos deu; e o principado está sobre os seus ombros; e o seu nome será: Maravilhoso, Conselheiro, Deus forte, Pai da eternidade, Príncipe da paz.

"Do incremento deste principado e da paz não haverá fim, sobre o trono de Davi e no seu reino, para o firmar e o fortificar em juízo e em justiça, desde agora para sempre..." (Isa. 9:6-5. Vide também Isa. 11:1; D&C 113:1-2)

Visto que Jesus não foi gerado por homem mortal, sua descendência de Davi teria que vir, necessariamente, através de sua mãe. Por isso, quando veio ao mundo, Maria nasceu naquela linhagem real, a fim de poder transmiti-la a seu filho Jesus. Que Maria era descendente de Davi está claramente declarado nas Escrituras. Jesus era com freqüência cognominado de "Filho de Davi" e nunca rejeitou tal título.

Paulo torna claro que Jesus era de sangue real na sua linhagem terrena. Diz ele aos santos romanos: "...Jesus Cristo Nosso Senhor... nasceu da descendência de Davi segundo a carne." (Rom. 1:4,3) E a Timóteo, disse: "Lembra-te de que Jesus Cristo, que é da descendência de Davi, ressuscitou dos mortos..." (2 Tim. 2:8; também Atos 13:22-23 e 2:30)

O fato de José igualmente ser descendente de Davi encontra-se no Novo Testamento, o qual declara que José era de Belém e "da casa e família de Davi". (Lucas 2:4; vide também Lucas 1:27; Mat. 1:16, 20; Lucas 3:23-31)

Assim Jesus, embora não sendo descendente direto de José, dele herdou a condição legal de filho de Davi.

Naquela época, os judeus eram governados por Roma, que não reconhecia os direitos da família real de Davi. Herodes, rei dos judeus por imposição dos romanos, nem sequer era israelita.

"Fosse Judá uma nação livre e independente, governada pelo soberano legal, José, o carpinteiro, teria sido coroado rei; e o sucessor legal ao trono seria então Jesus de Nazaré, rei dos judeus." (**Jesus, o Cristo,** p. 83)

Maria, é lógico, ao nascer perdeu a memória consciente de sua existência e designação pré-mortal. Porém, aproximando-se a época do advento do Unigênito, Maria veio ao mundo no tempo certo, no lugar certo e na linhagem precisa pela qual poderia cumprir sua missão.

Em Lucas, encontramos reproduzidas as palavras do Anjo Gabriel a Maria, como segue:

"...Salve, agraciada; o Senhor é contigo; bendita tu entre as mulheres... porque achaste graça diante de Deus.

E eis que em teu ventre conceberás e darás à luz um filho, e pôr-lhe-ás o nome de Jesus.

"Este será grande, e será chamado Filho do Altíssimo; e o Senhor Deus lhe dará o trono de Davi, seu pai;

"E reinará eternamente na casa de Jacó, e o seu reino não terá fim." (Lucas 1:28-33)

Poucos dias depois, quando visitava sua prima Isabel (que estava para ser mãe de João Batista), Maria disse:

"...A minha alma engrandece ao Senhor.

"E o meu espírito se alegra em Deus meu Salvador;

"Porque atentou na baixeza de sua serva; pois eis que desde agora todas as gerações me chamarão de bem-aventurada.

"Porque me fez grandes coisas e poderosas; e santo é o seu nome.

"Auxiliou a Israel seu servo, recordando-se da sua misericórdia;

"(Como falou a nossos pais) para com Abraão e sua posteridade para sempre." (Lucas 1:46-49, 54-55)

As palavras de Maria revelam seu caráter e seus conhecimentos da história de Israel. A referência à "baixeza" provavelmente se deve à sua humilde condição de vida. Embora sendo herdeiros do trono de Israel, ela e José não puderam exercer essa honra, e José aparentemente não era homem abastado ou de alta posição política.

Ainda que não tendo memória do seu alto chamado, ficamos imaginando o quanto o Espírito lhe sussurrava aos ouvidos na juventude. De grande pendor espiritual e dada naturalmente à retidão e meditação, ela demonstra seus conhecimentos do Velho Testamento sobre convênios e promessas de Deus para com Israel. Era, sem dúvida, uma pessoa ponderada, como convém aos chamados por Deus. Maria era certamente produto de anos de obediência às leis do Senhor, tendo a mente e caráter moldados pelo Espírito Santo obrando nela desde a primeira infância.

Conforme observou o Élder Bruce R. McConkie, do Conselho dos Doze: "Assim como existe um único Cristo, há uma só Maria. E da mesma forma que o Pai escolheu o mais nobre e justo de todos os seus filhos espirituais para vir à mortalidade como seu Unigênito na carne, assim podemos concluir seguramente que ele escolheu a mais digna e espiritualmente dotada de suas filhas espirituais para ser a mãe mortal do seu Filho Eterno." (Bruce R. McConkie, **Doctrinal New Testament Commentary,** Bookcraft Inc., 1965, vol. 1, p. 85)

Escritos apócrifos do início da era cristã apresentam como significativo e repetido tema um longo período de preparação espiritual na vida de Maria nos anos antes de ela conceber Jesus. Falam de ter sido instruída por anjos e outras manifestações espirituais. (Vide capítulos 1 e 4-9 de **The Lost Books of the Bible,** Nova York, The World Publishing Company, 1926. Vide também "The Gospel of Bartholomew", 2.ª parte, **The Apocryphal New Testament,** M. R. Ja-

mes, tradutor, Oxford, The Clarendon Press, 1869, pp. 170-72) Tais manifestações, consta terem ocorrido antes da visitação do Anjo Gabriel.

Muitos pormenores desses escritos certamente não são exatos; mesmo assim, é provavel que Maria haja recebido preparação e diretriz espiritual durante certo período, antes de o Pai manifestar-se pessoalmente a ela.

Embora fosse Jesus Filho literal de Deus, quando criancinha ele necessitou ser ensinado e cuidado como as outras crianças. Isto aconteceu porque, ao nascer, sua memória foi obscurecida por um véu que lhe tirou temporariamente a lembrança de sua existência pré-mortal. Lucas diz que Jesus crescia em sabedoria na juventude (Lucas 2:52) e Doutrina & Convênios indica que na carne, "a princípio ele não recebeu a plenitude, mas recebeu graça por graça." (D&C 93:12) Esta é também a posição adotada pelo Élder James E. Talmage: "Sobre sua mente, havia descido o véu do esquecimento, comum a todos os que nascem na terra, pelo qual é apagada a lembrança de uma existência anterior." (**Jesus, o Cristo,** p. 107) O Presidente J. Reuben Clark Jr. também abordou este conceito em seu **"Wist Ye Not that I Must Be about My Father's Business?"** (Deseret News Press, 1947, pp. 9-10, 12,74, 81). Esse fato só aumentaria a responsabilidade de Maria e José.

Considerando a forte influência exercida pela mãe, no lar, sobre a formação e atitude de uma criança pequena, percebemos a responsabilidade recebida por Maria do Pai Celestial, quando este a encarregou de criar seu Filho Bem-amado. Isto, naturalmente, exigia o devido treinamento de Maria, tanto como espírito pré-mortal quanto como moça na mortalidade. Não obstante sua designação pré-terrena, ela não teria sido digna de conceber e dar um corpo de carne e ossos ao Filho de Deus, a menos que fosse pura e limpa na vida mortal.

E quanto a José? Que tipo de pessoa o Pai escolheria para esposo de Maria e guardião e modelo terreno para Jesus? As Escrituras não se mostram totalmente omissas, embora sejam poucas as referências diretas. Como ao pai cabe ensinar princípios corretos por preceito e exemplo, e ser um conselheiro, podemos concluir que nosso Pai Celestial teve todo o cuidado na escolha de José. Que ele era espiritualmente sensível e de boa índole, podemos deduzir das Escrituras. Mostrava-se suscetível à diretriz divina através da ministração de anjos e de sonhos (vide Mat. 1:20; 2:13,19,23); não desejava causar embaraço a Maria e "a não queria infamar" (Mat. 1:19) Além disso, esperaríamos encontrar nele certas qualidades morais, intelectuais e sociais condizentes com seu importante encargo.

Maria e José deviam observar cuidadosamente todos os mandamentos recebidos. A lei de Moisés requeria numerosas formalidades e ordenanças, inclusive a regra de que os meninos deviam ser circuncidados aos oito dias de idade, como sinal do convênio feito com Abraão pelo Senhor. Além disso, quarenta dias após o nascimento de um filho (oitenta em caso de filha), a mãe devia oferecer um sacrifício especial — um cordeiro ou então duas pombas ou rolas.

A lei estipulava ainda que o primeiro filho homem fosse consagrado e apresentado ao Senhor, não como sacrifício, mas para servi-lo. (Vide Êx. 13:1-2, 11-15) Outra regra exigia que todo homem fosse freqüentemente ao local do templo para levar sacrifícios e ofertas e para adorar o Senhor. (Vide Deut. 12:5-7, 11-14)

O Novo Testamento indica que José e Maria cumpriram todos esses requisitos. Circuncidaram Jesus aos oito dias de idade, "e, cumprindo-se os dias da purificação, segundo a lei de Moisés, levaram-no a Jerusalém para o apresentarem ao Senhor". (Lucas 2:22) O fato de Maria haver ofertado rolas em lugar de um cordeiro, prova sua humilde condição financeira e social. E lemos ainda:

"Ora, todos os anos, iam seus pais a Jerusalém, à festa da páscoa." (Luc. 2:41) Isto nos dá uma idéia da obediência e inclinação espiritual dos pais e guardiães terrenos de Jesus.

Foi na páscoa que o "justo e temente" Simeão encontrou José e Maria no templo. Este homem soube, pelo poder do Espírito Santo, que o menino Jesus era também o Cristo, e disse a Maria:

"...Eis que este é posto para queda e elevação de muitos em Israel; e para sinal que é contraditado;

"(E uma espada traspassará também a tua própria alma); para que se manifestem os pensamentos de muitos corações." (Lucas 2:34-35) Maria deve ter refletido muitas vezes sobre o sentido dessas palavras, tanto antes quanto depois de vê-las cumpridas, ao testemunhar Jesus pendurado no madeiro e seu lado ser ferido com uma lança. Mas nem tudo deveria ser experimentado num único dia ou acontecimento. Ainda que sendo um espírito especial, o Pai não a poupou das dores e conseqüências naturais da mortalidade; Maria conheceu provações, desapontamentos e lutas características da vida mortal.

Maria e José viveram em tempos difíceis sob muitos aspectos. Judá encontrava-se sob o jugo de Roma, e os Herodes eram monarcas duros e cruéis. Os judeus estavam em apostasia, vivendo enredados em rígido formalismo e iniqüidade espiritual. Os líderes eclesiásticos da época distinguiam-se como "a parte mais

iníqua do mundo... por causa das astúcias e das iniqüidades dos sacerdotes". (2 Néfi 10:3,5)

Foi nessas circunstâncias que Maria, protegida e assistida por José, deu à luz seu primogênito, deitando-o numa manjedoura. A condição despretensiosa desse casal abençoado com a santidade do menino Jesus estava em forte contraste com o povo espiritualmente vazio, guiado pelos orgulhosos e insistentes fariseus, saduceus, rabinos e escribas conquistados por um império pagão. Isaías tinha conhecimento dessa antítese, predizendo que o Messias haveria de crescer "como renovo... e como raiz de uma terra seca". (Isaías 53:2)

Pouco sabemos ao certo da vida familiar e infância de Jesus, embora haja numerosas indicações. Já vimos que José era carpinteiro e sabemos que Jesus seguiu o mesmo ofício. (Vide Marcos 6:3) No lar, reinava uma atmosfera de obediência ao Senhor conforme mandava a lei. Foi ali que provavelmente Jesus recebeu suas primeiras lições sobre a história de Israel e as passadas libertações do seu povo pela mão do Senhor; ali aprendeu também, sem dúvida, a respeito das esperanças e expectativas do futuro, de que falavam as Escrituras. Os preparativos dos pais, todas as semanas, para a observância do sabá, suas idas à sinagoga, respeito aos dias de festa, e preparativos e conversas anuais enquanto se aprontavam para irem a Jerusalém nas solenidades da páscoa, foram certamente impressivas lições práticas ao jovem Jesus.

Não sabemos quantos filhos mais contava a família, porém o Novo Testamento menciona quatro rapazes e algumas irmãs. Neste ponto, os manuscritos gregos são proveitosos. Mateus fala de "todas" (Grego: **pantai**) as suas irmãs (Mat. 13:56), sugerindo com isso mais de duas. Nos manuscritos é usado o termo grego **hai adelphia** (as irmãs) significando pluralidade — isto é, três ou mais. Se pretendesse implicar a existência de apenas duas irmãs, o registro provavelmente não empregaria a palavra **pantai,** mas antes **amphoterai,** significando "ambas..

Assim, pois, a família de José e Maria contava, aparentemente, pelo menos cinco rapazes (incluindo Jesus) e três meninas — oito filhos — além dos pais.

Há duas linhas de pensamento quanto à identidade desses outros filhos. Alguns acham que eram filhos de José de um casamento anterior, não tendo nada a ver com Maria. Neste caso, Jesus seria mais moço que eles, sem nenhum parentesco consangüineo. É um conceito bastante difundido no mundo cristão de hoje, e por isso as ilustrações da "sagrada família" geralmente mostram um José muito mais idoso que Maria.

Outro ponto de vista defende que eram realmente filhos de José e Maria, e portanto meio-irmãos de Jesus, o mais velho. Ambos os pontos de vista têm seus defensores e contam com indícios escriturísticos que podem ser interpretados a seu favor. Contudo, Jesus é mencionado como "filho primogênito" de Maria, o que indica que mais tarde ela teve outros filhos. (Vide Lucas 2:7) Outra razão mais importante para crermos que eram igualmente filhos de Maria, é que o primogênito de José com sua primeira esposa teria sido o herdeiro do trono de Davi em lugar de Jesus.

É possível que Maria haja vivido certo número de anos como viúva. A última menção a José ocorre por época da páscoa em Jerusalém, quando Jesus tinha doze anos. Nas bodas de Caná, quando Jesus devia ter uns trinta anos, faz-se menção específica a ele e Maria, mas nada consta a respeito de José. (Vide João 2:1-10) Finalmente, na época da crucificação, dizem as Escrituras que Maria estava junto à cruz **com outras mulheres,** novamente sem menção alguma a José. Nessa ocasião, Jesus entregou sua mãe aos cuidados de João, seu discípulo amado. (Vide João 19:25-27) O registro desses eventos sugere que Maria deve ter enviuvado depois de Jesus ter completado doze anos e antes de iniciar seu ministério. (Vide também Mat. 12-46)

Uma fonte apócrifa fala, com excessivo dramatismo, da morte de José, e de Maria e Jesus discutindo o assunto.

É pungente pensar-se na possibilidade de Maria ter ficado viúva com uma porção de filhos, todos mais moços do que Jesus. Se tal suposição for correta, pode ser que Jesus tenha enfrentado, ainda bem moço, a responsabilidade de sustentar a mãe viúva e diversos irmãos menores. Isto torna muito mais significativas as passagens escriturísticas que falam que o Senhor se importa particularmente com as viúvas e é um pai para os órfãos. (Vide Salmos 68:5; 146:9; comparar com Tiago 1:27)

Nós não adoramos Maria, porém a respeitamos muito. Ela está entre as mais dignas e nobres mulheres — é a mais privilegiada de todas as mães. Embora não seja sua representante, é um exemplo para todas elas.

E, se atentarmos bem, ainda conseguimos ouvir o eco daquelas palavras do anjo: "Salve, agraciada... bendita tu entre as mulheres." (Lucas 1:28) E igualmente poderemos ouvir a exclamação da própria Maria: "A minha alma engrandece ao Senhor, e o meu espírito se alegra em Deus, meu Salvador.

"Porque atentou na baixeza de sua serva... desde agora todas as gerações me chamarão bem-aventurada." (Lucas 1:46-48)

O Dr. Robert J. Matthews é professor-assistente de Escrituras Antigas na Universidade Brigham Young e serve no Comitê de Correlação de Adultos da Igreja.

---

1 "A significância de seu nascimento mortal era bem mais efetiva do que muitas vezes imaginamos. Não era uma coisa experimental, tampouco um evento optativo no plano de salvação. A vinda ao mundo do Jesus parte divino, parte mortal, Filho de Maria e Unigênito do Pai, era uma necessidade absoluta."

2 "Como ao pai cabe ensinar princípios corretos por preceito e exemplo, e ser um conselheiro, podemos concluir que nosso Pai Celestial teve todo o cuidado na escolha de José. Que este era espiritualmente sensível e de boa índole, podemos deduzir das Escrituras."

3 "A condição despretensiosa desse casal abençoado com a santidade do menino Jesus estava em forte contraste com o povo espiritualmente vazio, guiado pelos orgulhosos e insistentes fariseus, saduceus, rabinos e escribas conquistados por um império pagão."

O ESPIRITO DE NATAL

Élder Thomas S. Monson,
do Conselho dos Doze

Como jovem élder, dirigi-me ao antigo Hospital Infantil da Primária, a fim de abençoar crianças doentes. Ao lá entrarmos, notamos as alegres e coloridas decorações natalinas e passamos por corredores cheios de garotinhos e meninas sorridentes. As crianças pareciam esquecidas de que tinham braços ou pernas engessados, ou sofriam de outras doenças não tão facilmente curáveis, porque era Natal.

Fui para junto da cama de um garotinho, que perguntou:

— Como se chama? — Eu lhe disse. Então inquiriu:

— Vai dar-me uma bênção? — Nós o abençoamos, e depois, ao nos virarmos para ir embora, ele disse: — Muito obrigado.

Demos alguns passos e então o ouvi chamando: — Irmão Monson! — Quando me voltei, ele disse com um grande sorriso: — Feliz Natal para vocês.

Aquele rapazinho tinha o espírito de Natal.

O espírito de Natal é uma coisa que eu gostaria de que toda pessoa jovem tivesse em seu coração e vida, não só na época própria, mas durante o ano inteiro. Quando o sentimos, temos conosco o espírito de Cristo, porque o espírito de Natal é o espírito de Cristo.

Alguém que possuía uma aguda percepção do espírito de Natal escreveu:

"Eu sou o Espírito de Natal. Entro na casa pobre e faço crianças pálidas arregalarem os olhos em alegre admiração. Faço o sovina abrir a mão que se agarra às suas riquezas, pintando assim um ponto luminoso em sua alma.

"Faço o velho recordar-se da juventude e rir alegremente como em outros tempos. Levo aventura à infância e felizes sonhos tecidos com magia.

"Faço gente galgar contente escadas escuras com cestos cheios destinados ao próximo, deixando atrás de si corações aturdidos com a bondade do mundo.

"Faço o perdulário parar um momento no seu caminho rebelde e desenfreado, para mandar aos que o amam com ansiedade alguma pequena lembrança que provoca lágrimas de alegria, lavando de suas faces os duros vincos da dor.

"Entro em sombrias celas de prisão, fazendo homens marcados lembrar-se de como poderia ter sido sua vida e apontando-lhes um futuro melhor.

"Entro na branca, silenciosa casa da dor, e faço lábios fracos demais para falar tremerem em inaudível, eloqüente gratidão.

"Faço, de inúmeras maneiras, este velho mundo cansado elevar seus olhos para a face de Deus, e por uns breves momentos, esquecer tudo o que seja mesquinho e deprimente. Vocês compreendem, sou o Espírito de Natal." (Autor anônimo)

Este é o espírito que desejo que sintamos, porque quando usufruírmos o espírito de Natal, nos lembramos daquele cujo nascimento se comemora nesta época do ano. Recordamos o primeiro Natal — o dia de Natal antevisto pelos profetas antigos. Relembrem comigo as palavras de Isaías, quando diz:

Eis que uma virgem conceberá, e dará à luz um filho, e será o seu nome Emanuel." (Isaías 7:14)

E novamente declara Isaías:

"Porque um menino nos nasceu... e o seu nome será... Príncipe da Paz." (Isaías 9:6)

No continente americano, dizia o profeta:

"Porque o tempo se aproxima e não está longe, em que, com poder, o Senhor Onipotente... habitará em um tabernáculo de barro...

"...sofrerá tentações, dores...

"E se chamará Jesus Cristo, o Filho de Deus..." (Mosiah 3:5,7-8)

Então chegou a noite das noites em que apareceu o anjo do Senhor aos pastores no campo, anunciando-lhes:

"Não temais, porque eis aqui vos trago novas de grande alegria...

"Pois, na cidade de Davi, vos nasceu hoje o Salvador, que é Cristo, o Senhor." (Lucas 2:10-11)

Os pastores acorreram céleres à manjedoura, a fim de prestarem homenagem a Cristo, o Senhor.

Homens sábios vieram do Oriente a Jerusalém, dizendo:

"Onde está aquele que é nascido rei dos judeus? Porque vimos a sua estrela no oriente, e viemos adorá-lo.

"...vendo eles a estrela, **alegraram-se** muito com grande alegria.

"E, entrando na casa, acharam o menino com Maria, sua mãe, e prostrando-se o adoraram; e, abrindo os seus tesouros, lhe ofertaram dádivas: ouro, incenso e mirra." (Mat. 2:2,10-11. Grifo nosso)

Desde aí, o espírito de oferecer presentes tem permanecido na lembrança de todo cristão ao comemorar a época do Natal. Fico imaginando se cada um de nós atualmente não poderia lucrar, perguntando a si mesmo qual o presente que Deus gostaria de que déssemos a ele ou a outros nesta preciosa época do ano?

Permitam-me responder a esta questão e declarar solenemente que nosso Pai Celestial deseja de cada um de seus filhos uma dádiva de Obediência, a fim de que todos nós realmente o amemos com todo o coração, com todo o entendimento e com todas as nossas forças. Depois, tenho certeza, ele espera que amemos nossos semelhantes como a nós mesmos.

Estivesse aqui hoje, eu não ficaria surpreso se o Senhor nos mandasse dar de nós generosamente e deixar de sermos egoístas, gananciosos, rixentos, belicosos, recordando suas palavras registradas em 3 Néfi:

"...e não haverá disputas entre vós...

"Pois em verdade, em verdade vos digo que aquele que tem o espírito de discórdia não é meu, mas é do demônio, que... leva a cólera aos corações dos homens, para contenderem uns com os outros.

"E eis que esta não é a minha doutrina, ou seja, a de agitar com ira os corações dos homens...; ao contrário, é preceito de minha doutrina que tais coisas devem cessar." (3 Néfi 11:28-30)

Peço-lhes que se livrem de todo espírito de discórdia, de todo espírito que nos leve a competir pelas vantagens materiais, mas que, pelo contrário, possamos trabalhar com nossos irmãos pelos frutos do Evangelho de Jesus Cristo.

Espero que neste Natal não nos esqueçamos da gratidão que deve haver em nossos corações e anseia por externar-se. Espero que nenhum de nós nos esqueçamos de nosso pai e mãe, mas antes que todos os honremos. Que melhor presente de Natal poderiam eles receber do que terem a certeza de que um filho ou filha seus os estão honrando, amando a Deus e vivendo seus mandamentos?

Certa vez em Corpus Christi, Texas, um pai orgulhoso dirigiu-se a mim e me enfiou na mão uma carta do filho que servia como missionário na Austrália. Peço licença para compartilhá-la com vocês. Talvez sirva para sugerir-lhes uma forma de expressar gratidão a seus pais como um presente de Natal singular e duradouro este ano. Diz a carta:

Queridos pais,

"Quero agradecer-lhes do fundo de meu coração pelas muitas coisas maravilhosas que fizeram por mim. Quero agradecer-lhes por terem dado ouvidos à mensagem dos élderes, quando estes bateram à sua porta; agradecer-lhes pelo modo como captaram o Evangelho, tornando-o a forma pela qual moldaram a vida de vocês e de seus filhos. Eu os amo profundamente.

"Obrigado pela maneira como me ensinaram, pelo amor demonstrado de muitos modos. Obrigado por terem-me dirigido para o caminho certo, por mostrar-mo em lugar de forçar-me a segui-lo. Sou grato pelos belos testemunhos e pelo amor com que me ajudaram a obter o meu. Sei que o Evangelho é verdadeiro. Minhas poucas experiências aqui fortaleceram meu testemunho. Rogo para que possa ser capaz de satisfazer suas expectativas, e com a ajuda de Deus, consegui-lo-ei.

"Mais uma vez, obrigado, papai e mamãe.

"Do seu filho que os ama, David."

O que de melhor um rapaz poderia dar a seus pais que a dádiva da gratidão?

Espero que, somada à dádiva de gratidão que farão a seus pais, vocês compartilhem a mesma dádiva com seus outros entes queridos — irmãos, irmãs, parentes, amigos e aqueles com quem convivem. Eles se beneficiarão, se os ajudarem a ver a verdade e a evitar as armadilhas mortíferas da vida, dando um pouco de si mesmos. Talvez possam ser aquele capaz de acender uma centelha na vida de outros, capacitando-os, com isso, a verem seu potencial, em lugar dos problemas que os afligem diariamente.

Dar de si mesmo é sempre importante. Existem corações para se alegrar, vidas para animar e bênçãos para compartilhar com os semelhantes. O sentido do Espírito de Natal está refletido nestas palavras do Mestre:

"Em verdade vos digo que, quando o fizestes a um destes meus pequeninos irmãos, a mim o fizestes." (Mat. 25:40)

O Profeta Joseph Smith 1805-1844

CELEBRAÇÃO DE UM PROFETA

Dois dias antes do Natal de 1805, nascia em Sharon, Vermont, Joseph Smith Jr., filho de Joseph e Lucy Mack Smith. Era o terceiro filho de uma família amorosa e fiel. Não obstante as grandes provações e algumas tristezas, eles gostavam de estar juntos e compartilharam muitas boas experiências.

Quando Joseph se casou e fundou um lar próprio, seu amor se manifestava não só à própria família, mas a todo mundo. Ele sempre viveu para os outros, e certa vez afirmou: "A amizade é um dos grandes princípios fundamentais do mormonismo."

O Profeta Joseph gostava muito de seus amigos e sempre tinha prazer em recebê-los em sua casa. No seu diário, ele menciona um Natal especialmente feliz, o de 1843:

"Esta madrugada, por volta da uma hora, fui acordado por uma irmã inglesa, Lettice Rushton... acompanhada pelos três filhos com suas mulheres, as duas filhas com seus maridos e vários de seus vizinhos, cantando: 'Despertai, ó Mortais! Uni-vos aos Anjos", (etc), que fez um frêmito de emoção percorrer-me a alma. Minha família inteira e hóspedes se levantaram para ouvir a serenata, e senti-me impelido a agradecer ao Pai Celestial pela visita deles, e abençoei-os em nome do Senhor. Eles visitaram igualmente meu irmão Hyrum, que foi despertado de seu sono.

"Às duas (da tarde), cerca de cinqüenta casais sentaram-se à minha mesa.

"Um grupo numeroso jantou na minha casa e passou a noite tocando música, dançando (etc.), de maneira alegre e agradável."

Escola Dominical nas Montanhas Rochosas

Este mês marca o 126º aniversário da primeira reunião da Escola Dominical no vale do Grande Lago Salgado, realizada no dia 9 de dezembro de 1849. Desde aquela alegre manhã de domingo, quando perto de trinta meninos e garotas se reuniram na casa de Richard Ballentyne para a Escola Dominical, milhares de santos dos últimos dias aprenderam muita coisa a respeito do Evangelho e do amor que Jesus Cristo devota a todos nós através de seus professores da Escola Dominical.

Uma chuva de pedra havia destruído quase toda a primeira plantação de trigo de Richard Ballantyne, no Vale do Lago Salgado, deixando de pé apenas umas poucas hastes preciosas para serem colhidas no outono. Acompanhado de sua esposa Hulda e o bebê, ele havia chegado tarde demais no ano anterior para fazer qualquer plantação, por isso estavam contando com aquela colheita de trigo para passarem o inverno.

Em meio a todo seu desânimo, Richard sentiu uma estranha impressão. Seus pensamentos voltaram à Escócia, sua terra natal, onde fora convertido à Igreja. Lembrou-se da criançada turbulenta que costumava brincar nas ruas da pequena vila de Fawns aos domingos. Richard havia organizado uma pequena Escola Dominical para aqueles garotos e meninas, ensinando-lhes a respeito de Jesus.

Agora, nessa nova terra e região desértica tão difícil de subjugar, Richard lembrou-se das crianças pioneiras. Ele amava o Evangelho e adorava ensinar crianças. Foi assim que expressou seus sentimentos, com suas próprias palavras:

"Senti que o Evangelho me era tão precioso, que não poderia negá-lo às crianças; elas também mereciam o privilégio de aprendê-lo, e este era meu propósito; ensinar-lhes o Evangelho."

Richard contou ao bispo que gostaria de iniciar uma Escola Dominical, no que foi encorajado pelo bispo e as Autoridades Gerais da Igreja. Carregando tudo o que tinham em dois carroções, Richard e sua família mudaram-se do Velho Forte para um terreno situado a um quarteirão para o oeste e três quarteirões ao sul do futuro local do templo. Construíram um único cômodo, que serviria de "cozinha de verão", e dormiam num dos carroções. O outro era usado como depósito.

Todo tempinho que lhe restava depois de prover alimento e vestuário para a família, Richard empregava na construção do acréscimo à pequena cabana, que serviria de local de reuniões. Foi cortar árvores no **Millcreek Canyon,** e as transportou para uma serraria, a fim de serem transformadas em madeiramento. De uma pedreira no **Red Butte Canyon,** trouxe arenito para os alicerces e soleiras. Os tijolos de adobe foram fornecidos por uma olaria a oeste da cidade.

A sala da Escola Dominical media 6 m por 5,50 m, com paredes rebocadas por dentro, e por fora de tijolos de adobe; o assoalho era de tábuas, e o telhado de caibros e tábuas cobertas com uma camada de terra. A iluminação provinha de duas janelas na frente e uma janela e porta no lado sul; era aquecida por uma ampla lareira e mobiliada com bancos feitos de pranchas de madeira.

A Irmã Ballantyne escolhia os hinos para a Escola Dominical, fazia sugestões a respeito das lições, e ajudava a criar na sala uma atmosfera acolhedora e aconchegante.

Do lado de fora, Richard plantou choupos para fornecerem sombra, além de bonitos arbustos e trepadeiras. Fez ainda uma cerca em torno da casa. Quando chegou o inverno, o prédio estava pronto, e o barbudo escocês convidou a criançada da vizinhança para a nova Escola Dominical.

Às oito horas da manhã de domingo, 9 de dezembro de 1849, umas trinta crianças, de oito a doze anos, raspavam a neve dos sapatos e entravam na Escola Dominical, onde foram recebidos por Richard Ballantyne e a lareira acesa. Com olhos brilhantes, ele deu início aos trabalhos. Depois do hino, fez uma oração sincera, dedicando a sala para o ensino do Evangelho de Jesus Cristo às crianças.

A Canção Tirolesa

O órgão da igreja estava quebrado! Faltavam apenas uns poucos dias para o Natal, e todo mundo ficava imaginando de que maneira substituir a falta do órgão na reunião da véspera de Natal.

O pequeno vilarejo austríaco de Oberndorf encontrava-se coberto por grossa camada de neve. As estrelas hibernais cintilavam brilhantes na noite fria e límpida, quando o Padre Joseph Mohr abria caminho pela mata para visitar a mulher de um lenhador que havia dado à luz. Já era tarde, quando ele lá chegou. À luz do fogo, viu a jovem mãe inclinada sobre o recém-nascido, fazendo o jovem clérigo lembrar-se de Maria e seu Filho que nascera num estábulo de Belém.

Caminhando de volta para a vila através da silenciosa, branca beleza hibernal da floresta, palavras começaram a juntar-se em sua mente: "Noite feliz, noite feliz!..." Mesmo depois de chegar em casa, as palavras continuaram a ressoar-lhe na mente. Era já quase dia, quando ele acabou de juntá-las todas e anotá-las, e foi dormir.

Logo na manhã seguinte, decidiu mandar musicar a letra. Seu melhor amigo era Franz Gruber, o mestre-escola que tocava o órgão, e assim correu para a casa dele. E Franz compôs uma melodia para a letra do amigo, para ser cantada em duas vozes com acompanhamento de guitarra.

Na reunião da véspera de Natal de 1818, na pequena aldeia de Oberndorf aninhada na neve, Franz e o Padre Mohr cantaram pela primeira vez o "Noite Feliz", hino de Natal tão querido por todas as crianças.

Conhecido a princípio como "A Canção Tirolesa", o hino foi apresentado ao mundo por quatro crianças — duas irmãs e dois irmãos — que foram até Leipzig no ano seguinte, e cantaram-no tão bem, que o diretor de música do soberano da Saxônia lhes pediu que o cantassem num concerto. Em 1850, o coro da Igreja Imperial de Berlim cantou-o para o Rei Frederico Guilherme IV, que, tão encantado, quis conhecer pessoalmente os compositores. Nessa época, o Padre Mohr já havia falecido, mas Franz Gruber foi homenageado por sua música. Sua guitarra encontra-se atualmente no Museu Municipal de Hallbein.

E neste Natal, passados cento e cinqüenta e sete anos, crianças em toda a parte cantarão novamente, em memória do Menino de Belém, o belo hino Noite Feliz, presenteado ao mundo pelos dois amigos de Oberndorf, Áustria.

Mensagem de Natal para as Crianças da Igreja em todo o mundo

da Primeira Presidência

O Natal é uma das épocas mais alegres do ano inteiro, repleta de cálidas recordações de outros anos, e cheia de emoções dos planos de passar outro Natal com familiares e amigos. Nosso coração se enternece para com o próximo, tornando mais fácil perdoar uma ofensa ou indelicadeza quando nos lembramos da meiga e sempre atual história do nascimento do Menino Jesus num estábulo de Belém, há quase dois mil anos.

Este mesmo Jesus, cujo aniversário celebramos no Natal, é seu amigo agora e sempre; é o mesmo Jesus cujo amor por vocês nunca muda. Ele ama todas as crianças e precisa da sua esperança, fé, alegria, de seus espíritos puros e luminosos, para ajudar a alumiar o caminho daqueles cuja vida se acha sombreada pela tristeza.

Às vezes é mais fácil pensar em receber presentes do que dá-los. É lógico, o mais jubiloso e glorioso de todos os presentes foi a própria vida que Jesus deu de boa vontade, para que as pessoas de toda parte — passadas, presentes e futuras — pudessem ter a oportunidade de viver novamente com o nosso Pai Celestial, algum dia.

Quando tiver passado o Natal e a alegria daquela temporada, quando os brinquedos e jogos deixarem de ser novidade, lembrem-se dos presentes que continuarão dando alegria às pessoas que vocês amam — presentes que só vocês são capazes de dar. Nosso Pai Celestial deu o exemplo para esses presentes, pois "amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho Unigênito..." (João 3:16)

Um dos melhores presentes que poderão dar a seus pais é a obediência. A felicidade que seus pais sentem, quando vocês fazem as coisas certas e obedecem a seus conselhos, é um presente que não tem igual.

Honrar seus pais, levando uma vida boa e mostrando-lhes que os amam e apreciam, são presentes que duram eternamente. Vocês são o mais valioso tesouro para seus pais terrenos como para seus Pais Celestes. O amor e cuidado deles por vocês não acaba nunca.

A vocês, meninos e meninas de toda a parte, damos nossa sincera bênção, e fazemos votos neste Natal que encontrem alegria dando de si aos outros. Então vocês irão perceber que "mais vale dar do que receber".

Oramos que a bondade de vocês ilumine o ano inteiro. Isto seria um verdadeiro presente de amor para o Pai Celestial e seu Filho, Jesus Cristo.

E agora, um feliz Natal para todos vocês!

A Noite em que o Mundo Parou

DOROTHY LEON

Embora não seja uma história verídica, poderia ter acontecido há muito, muito tempo em Belém.

Faz agora muitos anos, vivia na cidade de Belém um menino chamado Joel, que sempre andava triste por ser apenas um pobre cavalariço. Muitas vezes ficava desejando que seu pai fosse um rico estalajadeiro como Pôncio, ou um rico mercador ou, melhor ainda, um rei.

— Gostaria de fazer alguma coisa de importante, em vez de ficar sempre dando forragem e água aos cavalos e fazendo outros serviços de estrebaria, — disse Joel à mãe certa vez.

— Qualquer trabalho é importante, — respondeu a mãe. — E, algum dia, você aprenderá o verdadeiro segredo dessa importância.

Naquela noite, quando Joel terminou seu trabalho na estalagem, foi para fora e ficou em cima de um alto rochedo, vendo chegar as longas caravanas de viajantes de todas as partes da Judéia. Joel sabia que estavam a caminho de Belém, para pagar os tributos decretados pelo imperador.

Ainda ontem ouvira Pôncio, o estalajadeiro, falar dos viajantes. — Muitos deles pararão aqui, — dissera, esfregando as mãos. — E vão trazer uma porção de negócios.

Do alto do rochedo, Joel podia ver os jumentos, cabras e bois andando pesadamente pela estrada pedregosa. Viu camelos trotando, as longas pernas graciosas levantando poeira do caminho. Logo o pátio da estalagem ressoava com o falatório dos homens, ovelhas balindo e zurros dos jumentos.

Quando os últimos raios do sol se esconderam lentamente por trás das colinas da Judéia, um vento frio varreu o rosto de Joel. Ele estremeceu e pulou do alto rochedo. Depois foi correndo para junto dos companheiros agachados em torno da fogueira no pátio do estábulo.

No trajeto, Joel viu dois viajantes cansados, passando pelo portão da estalagem. Um homem alto conduzia um jumento montado por uma mulher ainda bem moça. Eles pareciam exaustos e tristes. Joel notou ainda que suas roupas estavam empoeiradas, e as bolsas de água pendiam vazias do arção da sela.

Devem ter vindo de muito longe, pensou Joel consigo, ao dirigir-se para o casal.

— Não encontramos mais lugar na estalagem, — explicou o homem. — Disseram-nos que poderíamos encontrar abrigo num dos estábulos no caminho dos fundos, onde ficam os animais.

— Eu sei onde fica um, — disse Joel. — É só um pouco mais adiante.

Olhando para Joel, a mulher sorriu meigamente.

Enquanto iam para o estábulo, Joel soube que o homem se chamava José, era carpinteiro em Nazaré e havia vindo com sua mulher, Maria, para Belém, cidade de seus antepassados, a fim de pagarem o tributo. Maria estava para dar à luz, mostrava-se exausta e precisava de repouso.

Joel levou o casal para o estábulo. A entrada era baixa — até mesmo Joel tinha que abaixar-se para entrar. Por dentro era pouco espaçoso, porém limpo e acolhedor.

— Posso encher suas bolsas de água, se quiser, — ofereceu-se Joel.

— Ficaremos agradecidos, Joel. Você nos ajudou bastante, — replicou José. — Nunca havemos de esquecer sua gentileza.

Pegando as bolsas de água, Joel foi enchê-las numa fonte próxima. Ficou vendo José dar de beber à esposa. 'Depois saiu, tirou uma vasilha de barro do alforje preso à sela, despejando nela água para o jumento.

De repente, Maria chamou José, e ele entrou correndo no estábulo.

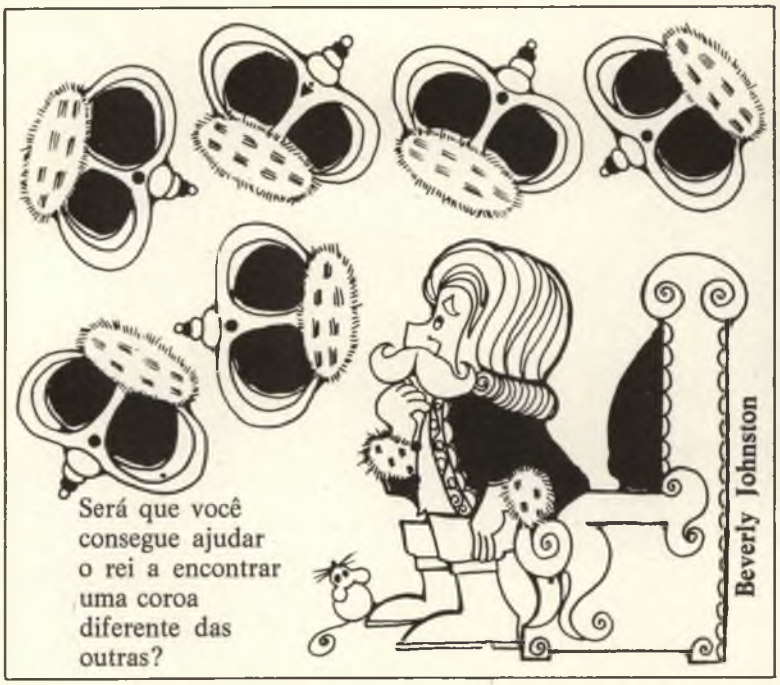
Joel olhou em torno. Subitamente, tudo ficou tão quieto. Não havia sequer um ruído ou movimento em qualquer parte. Até mesmo o jumento não se mexia. Um pouco mais adiante, viu ovelhas de cabeça rente ao capim, porém não pastavam. Não se ouvia ninguém falando. Toda a localidade parou.

Joel ergueu os olhos para o céu, onde pensava estar quase ouvindo um doce coro cantando à distância acima dele.

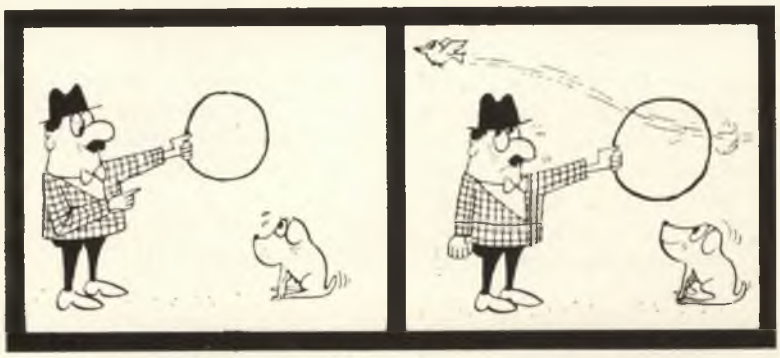
No mesmo instante, escutou choro de criança. As ovelhas se puseram a balir. As cigarras cantavam, e as pessoas voltaram a conversar. Tudo o que estivera imóvel e calado momentos atrás, se reanimou.

Joel correu para casa. Agora sabia o que sua mãe quis dizer com o segredo da importância. Era servir o próximo! Sabia também que naquela noite havia participado de algo muito especial e importante.

Só Para Divertir



Será que você consegue ajudar o rei a encontrar uma coroa diferente das outras?



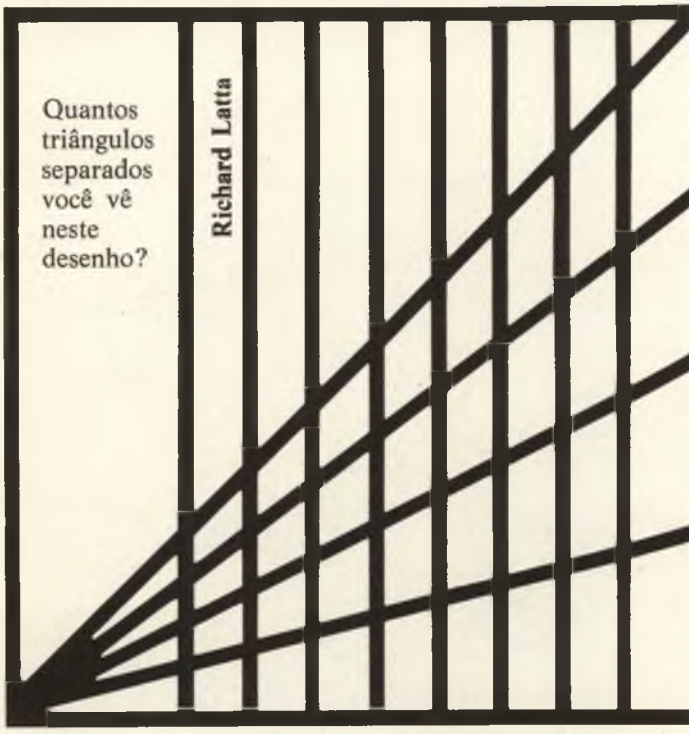
FORME UM DIAMANTE

Helen R. Sattler

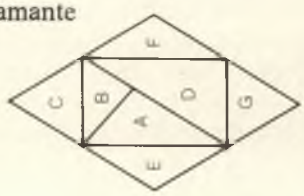
Depois de copiar os sete triângulos marcados com letras num pedaço de papel, recorte-os e tente formar com eles um diamante.

Quantos triângulos separados você vê neste desenho?

Richard Latta



Forme um Diamante



Os Doze presentes de Natal

JOYCE BACKSTROM

Solidão e Natal simplesmente não combinam; contudo, os Natais de Elizabeth Blumberg, uma irmã húngara convertida há vinte anos, costumavam ser bastante solitários. Nem sempre fora assim; tivera família própria e conhecera as alegrias tradicionais do Natal, tanto em Budapeste como no Canadá. Mas agora estava um tanto solitária. As pessoas não o faziam por querer, tinha certeza; apenas que no Natal todo mundo simplesmente andava ocupado **demais.**

A Irmã Blumberg aceitava a situação com a mesma calma com que enfrentava tudo o mais — coisas que lamentava, mas não podia mudar: idade avançada, surdez parcial, má visão, viuvez, dificuldade em falar o inglês e o fato de não poder compartilhar o Evangelho com a família não-membro da filha, com a qual vivia.

O Natal de 1973 avizinhava-se do modo costumeiro. No dia 14 de dezembro, entretanto, ouviu bater à porta, e quando atendeu, encontrou nos degraus um belo pacote com um cartão que dizia: "Prenunciando o Natal, o que a Irmã Blumberg vê? Uma linda planta, bonita como quê. De uma Amiga Secreta."

Essa época de Natal iria ser a mais memorável de toda sua vida. Alguém se importava com ela.

No dia seguinte, houve outra batida na porta, outro presente com cartão, novamente assinado: "Amiga Secreta". Desta vez, continha duas velas de Natal. Alguém estava-se dando ao trabalho de dar àquela irmã idosa algo em que pensar e pelo que aguardar — não só um dia, mas doze vezes até o Natal.

O vaso de planta deixado por uma "amiga secreta"

Os presentes eram encantadores — quatro ornamentos para a árvore, cinco flores, seis sabonetes em forma de Papai Noel, sete doces, oito bengalinhas de açúcar e assim por diante. Finalmente, no dia de Natal, uma bota de feltro vermelho contendo doze lembrancinhas foi deixada na entrada. Mas, desta vez, a Irmã Blumberg abriu a porta em tempo de vislumbrar uma mocinha entrando num carro.

Passadas algumas semanas, ela descobriu, acidentalmente, que suas amigas secretas eram uma classe das Moças. Como estima aquelas garotas! Guarda os cartões como um tesouro e ri deliciada, quando se lembra dos presentes tão bem escolhidos. Doze amigas secretas deram-se ao trabalho de se importar com alguém no Natal.

Joyce C. Backstrom, dona de casa, serve como professora visitante na Ala VI Edmonton e como líder de saúde familiar na Sociedade de Socorro da Estaca Edmonton, Alberta.

Escrituras e Ovos Mexidos

GARY J. COLEMAN

Aproximando-se o Natal, tornou-se evidente que, a menos que meu irmão Jerry e eu continuássemos trabalhando durante as férias natalinas, não poderíamos voltar à faculdade no próximo semestre. Assim, decidimos trabalhar mais uma semana e ir para casa somente nos últimos dias de férias. Convidei Jerry a vir morar conosco, uma vez que o alojamento dele ia fechar, e meus companheiros de quarto iam para casa. Ao fazermos nossos planos, eu tinha a secreta esperança de encontrar uma oportunidade de compartilhar o Evangelho com ele.

Algumas semanas antes, dois dias depois de me batizar em A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, encontrara Jerry perto do **campus.** Toda minha família se mostrara desgostosa com meu batismo.

— Você se batizou mesmo? — perguntou ele.

— Sim, — repliquei. — E me sinto satisfeito com o que fiz.

Fitando-me nos olhos, ele me surpreendeu com o que disse:

— Você é meu irmão mais velho. Sei que não o teria feito, se não achasse ser o certo.

Senti-me aliviado. Pelo menos ele não me abandonou, pensei. Continua respeitando-me.

Durante os meses em que investiguei o Evangelho, eu lutara com a dúvida: "Qual a igreja verdadeira?" E, como filho mais velho em nossa família tão unida, dava-me conta de meu papel de líder quanto aos irmãos mais novos. Eu tinha que ter certeza, certeza absoluta de que estava agindo certo. As horas, os dias, os meses de confusão enquanto procurava uma resposta, ainda continuam vívidos em minha memória. Finalmente, obtive a resposta naquela manhã de inverno, da maneira doce e calma do Senhor.

Agora eu queria contar ao Jerry tudo sobre o Evangelho. Mas havia um obstáculo. Ele ia trabalhar no turno da noite, e eu durante o dia! Nós nos encontraríamos somente na hora do desjejum e do jantar.

Como aqueles momentos se tornaram sagrados! Cada dia discutíamos um ponto diferente de nossos credos religiosos, e depois de alguma hesitação — para minha alegria — Jerry começou a realmente sentir fome pela verdade.

Aquelas férias de Natal se transformaram numa das mais gratificantes experiências de minha vida; foi um tempo de dar e compartilhar que jamais olvidarei. Passamos praticamente todos os momentos em que estávamos acordados na pequena mesa da cozinha discutindo o Evangelho. Nossas refeições eram quase que incidentais, comparadas ao nosso banquete espiritual.

Depois, quando fomos para casa, passei a sentir uma nova estima para cada membro de minha família, sentindo agudamente minha responsabilidade de com eles compartilhar o Evangelho.

Jerry batizou-se em março. Que dia glorioso! Agora eu tinha mais alguém da família sentindo como eu a respeito do Evangelho! Regozijamo-nos e juntos discutíamos nossas esperanças e preocupações quanto aos irmãos menores. Nossa afinidade fortaleceu-se com o passar dos anos, e desde aí, tivemos oportunidade de ampliar o círculo da família no Evangelho, batizando nossa irmã e seu marido, e fazendo as ordenanças do templo pelos parentes falecidos.

Recordando aquela temporada de Natal há tantos anos atrás, compreendo que compartilhar o Evangelho com os outros é o presente mais valioso que podemos dar.

Gary J. Coleman é diretor do Instituto de Religião de Spokane, e serve como segundo conselheiro na presidência da Estaca Spokane Washington Leste.

Os Felizes Irmãos Naquele Natal

HENK CHARDON

Este é um caso verídico que se deu nos Países Baixos, onde vivo. Aconteceu um dia após o Natal, que é feriado em nossa terra. As crianças da Primária haviam decidido passar a tarde cantando para os pacientes de um hospital da localidade, reunindo-se com suas professoras no saguão da capela. Vários irmãos haviam sido solicitados a fornecer o transporte. Crianças e adultos oraram juntos, rogando humildemente que a tarde fosse abençoada. Então estava na hora de partir para o hospital.

Chegando lá, os irmãos estacionaram ao longo do cais do canal com suas árvores desfolhadas pelo inverno. As irmãs ajudaram a criançada a atravessar em segurança a rua escorregadia. Todas sabiam que deviam manter-se juntas, cantar, cumprimentar os pacientes e distribuir seus presentes de Natal. E lá se foram.

Depois de verem o alegre bando partir, os irmãos deram-se conta da longa espera que os aguardava.

— Quanto tempo vão ficar? — perguntou um deles à presidente da Primária.

— Até às cinco horas, no máximo, irmãos, — informou ela. — Senão as crianças se cansam muito.

— Então por que não vamos todos lá para casa? — sugeriu o Irmão Jansen. — Eu moro aqui perto, e seria um prazer tê-los conosco. — Os irmãos apinharam-se num dos carros maiores e foram embora.

Enquanto as crianças seguiam por entre as camas do hospital, suas vozes puras falando da estrela de Belém e do Menino Jesus, os irmãos deliciavam-se com guloseimas de Natal na casa aconchegante de seu anfitrião. Eles também falaram de Belém e do Cristo Menino.

Estava tão agradável, que quase se esqueceram da hora. Felizmente chegaram no estacionamento faltando pouco para as cinco. E ali, de pé na friagem do cais, encontraram o Irmão Andries! Esqueceram-no, embora tivesse sido um dos irmãos que colocara seu carro à disposição da presidente da Primária. Não havia sido convidado a juntar-se aos demais. Ficara ali sozinho, enquanto os outros passavam uma tarde agradável.

Um dos irmãos tentou achegar-se, mas o Irmão Andries se afastou. Quando um outro procurou alcançá-lo, ele entrou depressa numa cabina telefônica.

— E agora, o que vamos fazer? — deliberavam os amigos. — Temos que nos desculpar! Não foi de propósito! Temos que fazê-lo compreender que não pretendíamos deixá-lo de lado.

Saindo da cabina telefônica, o Irmão Andries foi em direção do carro. Alguns dos irmãos o seguiram, chamando-o. Mas ele os ignorou e bateu a porta do carro. Um dos irmãos abriu a porta, dizendo:

— Irmão Andries, sentimos muitíssimo, mas...

Ele não disse uma palavra, mas saltou pela outra porta, passou pelos irmãos e entrou no hospital.

— Está mesmo zangado, — comentou um dos irmãos.

— Ora, bem que o merecemos, — admitiu outro. — Mas, se ao menos nos ouvisse, — acrescentou um terceiro.

— Pois bem, — disse o Irmão Jansen. — A culpa é toda minha. Sou eu quem deve pedir desculpas.

Porém, o Irmão Andries deu um jeito de evitá-lo. As crianças e professoras chegaram, e os irmãos ficaram atarefados abrindo os carros, acomodando todos e levando-os de volta à capela. Ouvindo a conversa alegre da criançada e suas professoras, os irmãos se sentiam cada vez pior.

— Que belo papelão, o nosso. E logo no Natal!

Na capela, o Irmão Jansen procurou chegar-se ao Irmão Andries, mas este já deixara seus passageiros e ia embora. Os irmãos formaram um grupo, confabulando como resolver o problema. Um deles comentou:

— Acho que o Irmão Andries está tão magoado, que não consegue falar sobre o assunto.

— Temos que procurá-lo imediatamente, — sugeriu outro.

— Mas, será que estará em casa? Pode ter ido a outro lugar.

— Esse mal-entendido tem que ser resolvido agora.

Nessas alturas, a maioria das crianças tinha ido para casa. Dois dos irmãos eram casados com professoras da Primária e contaram às respectivas esposas como o Irmão Andries fora acidentalmente esquecido. Juntos, os irmãos e irmãs se ajoelharam, pedindo ao Pai Celestial que os ajudasse a encontrar as palavras certas para resolver as coisas. Depois, seguiram para a casa do Irmão Andries, imaginando como seriam recebidos.

— Será que a mulher dele sabe? — Ele é capaz de não ter dito nada. — O que vamos dizer, quando chegarmos lá? — Quem será que atenderá à porta?

— Viemos aqui fazer as pazes, — é o que o porta-voz pretendia dizer. Cinco irmãos mais duas irmãs esperaram aflitos nos degraus da entrada. Lá dentro estava um irmão ofendido que esperara no mesmo frio durante mais de hora e meia. A porta se escancarou, e lá estava o irmão Andries, sorrindo amigavelmente:

— Por favor, entrem, entrem!

Surpresos, eles aceitaram o entusiástico convite.

Depois de cumprimentarem os meninos e a Irmã Andries, ela explicou que haviam chegado justamente na hora certa. Ela e o marido haviam comprado um peru, de forma que, por coincidência, havia dois perus na mesa em lugar de um.

— Mas por mim, não acredito em coincidências, — acrescentou o Irmão Andries. — Vocês chegaram bem a propósito para ajudar a comê-los!

Num instante, os pratos estavam servidos, e um bate-papo alegre enchia a sala.

— Tudo está bem, — sorriu o Irmão Andries.

— O Natal é uma época maravilhosa, — concordou a família. — Não é gostoso estarmos assim todos reunidos?

O Senhor atendera às suas preces: tudo estava perdoado.

Na primeira reunião de testemunhos do novo ano, o Irmão Andries falou de como havia sido esquecido pelos irmãos durante algum tempo e como não sossegaram até se desculparem.

— E quando foram embora, — acrescentou o caridoso irmão, — tive o prazer de constatar que estavam novamente alegres.

A Irmã Petra G. de Hernandez é uma viúva que vive na Estaca Monterrey, México. Três de seus quatro filhos fizeram missão de proselitismo. Aqui ela nos fala sobre o que sente como —

MÃE DE MISSIONÁRIOS

Sou u'a mãe abençoada pelo Senhor com quatro filhos: Floralba, Rosa Elida, Juan Sergio e Delia Palmira. Meu marido morreu há dezenove anos, num acidente de automóvel. Foi então que senti a necessidade de encontrar Deus, para que me ajudasse a criar os filhos. Minha filha caçula tinha então onze meses.

Uma noite, em meio à minha depressão e vendo-me completamente só com as crianças, orei ao Senhor, como se estivesse conversando com alguém. Pedi que me indicasse o rumo a tomar na vida. Contei-lhe que eu sabia que existia, mas não imaginava onde. Roguei que me mostrasse como ou onde encontrá-lo. Fi-lo com tanta fé e desejo de descobrir a verdade, que jamais me esquecerei daquela oração.

A resposta não demorou a vir. Certa manhã, dois jovens missionários bateram à porta; diziam ser da Igreja Mórmon e tinham uma mensagem muito importante para mim. Eu já ouvira falar dos mórmons, mas não tinha o mínimo interesse neles. Deixei que entrassem, e começaram a primeira lição. Logo senti que falavam a verdade. Depois da segunda lição, pude sentir que realmente tudo o que diziam era verdade, e declarei-lhes que desejava ser batizada junto com meus filhos. Informaram-me que isto seria feito depois da última lição; e assim foi. Fomos batizados na Capela de Roma, na cidade de Monterrey. Hoje, pertencemos à Estaca de Monterrey.

Desde o dia em que aceitamos o Evangelho, nossa vida mudou completamente. Agora eu tinha certeza de que Deus ouve nossas orações. Logo a seguir, fui chamada como segunda conselheira na Primária da missão, e depois como sua presidente. Naquela época, a única que trabalhava era minha filha mais velha, e foi com grande sacrifício que pudemos ir ao Templo do Arizona para sermos selados. Mais tarde, seu emprego levou-a para a Inglaterra.

Pouco depois de chegar à Inglaterra, foi chamada pelo bispo para

fazer missão de tempo integral. Ela sabia que precisávamos dela, e nos escreveu, pedindo nossa opinião. Ao ler sua carta, lembrei-me apenas de uma Escritura, aquela em 1 Néfi 3:7 que diz que o Senhor nunca dá uma ordem a seus filhos, sem primeiro preparar-lhes o caminho. Assim que terminei de ler a carta, respondi, dizendo que fosse ao bispo comunicar-lhe que estava pronta para ir, e que não se preocupasse conosco. O Senhor saberia o que fazer com sua família.

Ela foi mandada para a Missão dos Andes, que na época abrangia o Peru, Chile e Equador. Enquanto se encontrava em Lima, houve aquele grande terremoto que sacudiu a cidade, provocando muitas mortes e destruição; mas a ela e sua companheira, não aconteceu absolutamente nada, embora estivessem naquele momento andando de táxi, podendo ver o povo aterrorizado correndo e gritando pelas ruas. Foi uma grande experiência para ela ver como o Senhor protege aqueles que o servem.

Durante a missão inteira, ela serviu de todo coração, alma, entendimento e força. Ao completá-la, foi abençoada com um excelente companheiro, com quem se casou no templo.

Durante o tempo em que Floralba fez missão, o Senhor nos abençoou com tudo o que necessitávamos e nunca sentimos falta de nada.

Mais tarde, meu filho Juan Sergio foi chamado para uma missão de tempo integral. Foi um grande desafio, pois faltavam apenas dois anos para terminar seu curso de engenharia mecânica administrativa, e o chamado da Igreja era justamente por dois anos. Pedi-lhe que não se esquecesse de que era um portador do Sacerdócio de Melquisedeque e havia feito convênios com o Senhor ao receber, um ano antes, seu **endowment** no Templo de Arizona. Agora estava sendo chamado pelo Senhor para ser seu representante por dois anos. Meu filho refletiu, orou e aceitou o chamado de missionário, a despeito das críticas de amigos e colegas. Foi mandado para a Missão do México Oeste (Hermosill, Sonora). Durante a missão, ele cresceu em conhecimento e testemunho. Teve oportunidade de servir como presidente de ramo duas vezes (Tecate e Guasave), e acima de tudo, de levar o Evangelho àqueles que ainda não o conheciam. Ao voltar do campo missionário, foi chamado para o campo de secretário financeiro da estaca; depois, foi ordenado setenta; a seguir, foi designado secretário da Estaca Monterrey e também ordenado sumo-sacerdote. Ele sabe que é uma grande responsabilidade ser um sumo-sacerdote. Com a experiência e o fortalecimento de seu testemunho, conseguido no campo missionário, e com a inspiração do Senhor, ele sabe que poderá continuar cumprindo os desejos do Senhor. No ano que vem, terminará seus estudos universitários e continuará preparando-se para qualquer coisa que o Senhor lhe possa designar no futuro.

Seis meses depois de meu filho voltar da missão, minha filha Rosa Elida foi chamada para uma missão de tempo integral. Ela pediu uma licença de dois anos do seu trabalho no serviço público, mas depois decidiu demitir-se para poder fazer missão, perdendo, assim, todos os direitos adquiridos em oito anos de serviço. Foi mandada para a Missão do México-Oeste.

Em todos esses anos, venho observando como o Senhor nos tem abençoado e abençoa aqueles que o servem, e pude comprovar a Escritura: "...buscai primeiro o reino de Deus e a sua justiça, e todas estas coisas vos serão acrescentadas". Só resta minha filha Delia Palmira fazer missão, e isto depende de o Senhor chamá-la e dos desejos dela. Atualmente, ela é professora. Sei que tem testemunho do Evangelho. Posso afirmar convictamente que somos uma família unida, graças ao Evangelho e àqueles dois missionários que bateram à nossa porta, trazendo-nos o Evangelho. No ano passado, no Templo de Oakland, Califórnia, tive oportunidade de encontrar-me novamente com o missonário que me batizou. Encontrar-se com quem nos trouxe o Evangelho é realmente uma alegria indescritível.

O Senhor disse que, servindo o próximo, estamos servindo a ele, e uma das maneiras de servir seus semelhantes é através do trabalho missionário. Para u'a mãe em Sião, é um privilégio e bênção ter um filho no campo missionário, porque estamos ajudando a obra do Senhor. Um dos deveres dos pais, como membros da Igreja, é apoiar e promover o trabalho missionário, e fazer com que os filhos saiam em missão. Talvez exija sacrifício para que os filhos possam fazê-lo; contudo, não se esqueçam de que algum pai se sacrificou para que seu filho pudesse bater em portas, e uma dessas portas foi a sua ou de seus antepassados. Sei, por experiência própria, que é preciso nos sacrificarmos um pouco, para que os filhos possam sair em missão. Mas sei também por experiência própria, que o sacrifício traz bênçãos, pois o Senhor sempre cumpre sua palavra, no devido tempo.

Sei que a Igreja é verdadeira e dirigida por Jesus Cristo. Posso afirmar com certeza que, se buscarmos primeiro o reino de Deus e sua justiça, todo o resto nos será acrescentado no devido tempo. Digo isto por ter experimentado concretamente. Confiei no que o Senhor tem falado através de seus servos, os profetas, e tudo deu certo para mim e minha família, e sei que o Senhor recompensará devidamente os que confiam nele e seus servos.

Este é o meu humilde testemunho, testemunho que não pode ser comprado por preço algum no mundo. Sei que chegará o dia em que terei de prestar contas de minha vida e do que fiz com minha família diante do Senhor, e espero poder dizer:

— Senhor, cumpri minha tarefa.

As pessoas que nos influenciam

Élder **William Grant Bangerter**
Assistente do Conselho dos Doze

Discurso proferido na sessão matutina de sábado, 5 de abril de 1975, da 145a. Conferência Geral Anual.

Nossa qualificação para o serviço de Deus é o nosso conhecimento de que ele vive e ouvirá nossas preces, se forem justas.

Sinto-me como a jovem parturiente que, a caminho da sala de parto, exclamou: "Acho que vou mudar de idéia."

A breve entrevista que minha mulher e eu tivemos outro dia com o Presidente Kimball indicou a expectativa de que as oportunidades de servir que tivemos em anos passados agora se expandiriam, permitindo-nos manter contatos e, esperava, influência no mundo inteiro. É assombroso para nós dois como, subitamente, no espaço de uns breves momentos, a maior parte de nossos planos, ambições e desejos mundanos pessoais foram varridos para sempre, nesta vida.

Muitos anos atrás, acordei certa manhã dando-me conta de que, naquele dia, eu completava trinta e cinco anos, e então pensei: "Agora você tem idade bastante para ser presidente dos Estados Unidos." Logo em seguida, ocorreu-me outro pensamento, humilhante, e que dizia: "É, e esta é sua única qualificação."

Hoje, minha única qualificação, possuída e prezada por todo santo dos últimos dias, é a doce certeza dada pelo Espírito Santo de que Deus realmente vive — o conhecimento de que tenho falado com ele em oração e que ele me tem atendido muitas vezes e me concedido a influência de seu Santo Espírito.

Certa ocasião, também hé muitos anos atrás, quando fui chamado como presidente de estaca, o Élder Mark E. Petersen, do Conselho dos Doze, entrevistou-me minuciosamente quanto à minha dignidade para servir, persistindo numa pergunta:

— Irmão Bangerter, crê no Evangelho?

Respondi que sim, na medida em que o compreendia. Então ele disse:

— Não, quero dizer, crê no Evangelho de acordo com o Presidente Joseph Fielding Smith?

Como deveis saber, em virtude do rigor com que o Presidente Smith pregava as doutrinas do Evangelho, esta era uma pergunta capaz de separar as ovelhas dos bodes. Sou grato por ter podido contar em minha vida com uma influência que me facilitou aceitar a grande verdade de que o Evangelho foi, de fato, restaurado na terra nestes últimos dias, e que o presidente da Igreja é na realidade um profeta de Deus, tendo o Sacerdócio e a autoridade de Jesus Cristo para organizar e dirigir seu reino aqui na terra.

Talvez algumas de minhas qualificações sejam adequadas. Sou carpinteiro de profissão. Lembro-me de como o Irmão James E. Faust disse, pouco tempo atrás, que para ocupar essa posição, teve que arrepender-se de ser advogado. Não sinto necessidade de arrepender-me disso, mas tenho-me arrependido da mesma forma.

Sei que fui criado por meus pais, assim como todos os seus onze filhos, de modo a ser digno deste ou qualquer outro chamado para servir. Sinto desde criança que minha mãe, uma grande alma, tinha em si o espírito de Ana, mãe de Samuel na antigüidade — que não importava o que seus filhos viessem a ser, ela já os havia dedicado ao serviço do Senhor. Fomos educados para fazer missão, trabalhar duro, orar freqüentemente e dedicar nossa vida ao serviço. A influência de meus pais, mais do que todas as outras pessoas juntas, trouxe-me a esta posição. William H. Bangerter e Isabel Bawden são para mim nomes sagrados, assim como, em conexão com eles, meus irmãos, irmãs e outros familiares.

A vida de ninguém pertence só a ele próprio. Meu círculo de bons amigos e entes queridos engloba a terra e inclui muitos que já se foram, a começar pela minha querida esposa Mildred, que há anos foi para a vida eterna, que nos deu nossos primeiros quatro filhos, um dos quais está com ela. E minha mulher e amada companheira Geraldine, parceira e fazedora de milagres. No meu sentir, ela foi descrita ontem no maravilhoso testemunho do Élder Perry. Ela acrescentou mais sete filhos à nossa família — todos vibrantes, amorosos e dedicados uns aos outros e a nós. Nossa vida é muito rica. Seis deles estão esperando que voltemos à Europa. Nosso círculo ainda inclui outros, companheiros de infância e juventude; grandes companheiros de missão; e tenho que referir-me novamente ao Irmão Faust, que labutou comigo no campo missionário; companheiros de trabalho no serviço da Igreja, em bispados, presidências de estaca e missão, sumos-conselhos — um número tão vasto, que mal consigo lembrar; os amados colegas que são representantes regionais, muitos dos quais foram desobrigados, e as Autoridades Gerais da Igreja com quem tenho tido o privilégio de conviver de tempos em tempos, às vezes de modo íntimo e pessoal; muitos outros dentro e fora da Igreja, aos quais tanto devemos. Gostaria de mencionar particularmente a formidável experiência que tem sido poder, de tempos em tempos, passar parte de minha vida convivendo e trabalhando com o povo do Brasil. Seus representantes estão aqui presentes hoje, e é difícil descrever o quanto apreciei e estimei a convivência com eles e agora com outros, além-mar. Há

muitas centenas de missionários que nos são chegados como se fossem da própria família, e nós apreciamos e amamos a cada um deles.

O Irmão Peter Mourik, que serve a Igreja dedicamente como seu agente imobiliário na Europa, contava-nos outro dia que, sentado num avião prestes a partir, viu entrar uma senhora, aparentemente abastada, que se sentou no único lugar vago ao lado dele. Como o cavalheiro do assento na frente deles estava envolvendo-os numa nuvem de fumaça de charuto, o Irmão Mourik comentou para a tal senhora:

— Espero ver o dia em que posso entrar num avião sem ser sufocado por nuvens de fumaça, — ao que a senhora replicou:

— Amém.

Então sem mais aquela (isto aconteceu há vários anos), ele disse:

— Joseph Fielding Smith é um profeta de Deus.

Voltando-se para ele, a senhora repetiu quase que de si para si: — Joseph Fielding Smith é um profeta de Deus? Joseph Fielding Smith é um profeta de Deus? Agora me lembro, — exclamou — eu estava vendo televisão e transmitiam uma espécie de conferência ou assembléia religiosa, e vi esse homem idoso falando, e ele olhava diretamente para mim. Mandou que me arrependesse de meus pecados e guardasse os mandamentos de Deus. Acho que disseram que se chamava Joseph Fielding Smith.

É com tal poder que o Espírito de Deus opera entre os homens, e por isto devo dizer-vos, dando-me conta de que o que eu falar talvez atinja dezenas de milhares de pessoas, que Spencer W. Kimball, agora no lugar de Joseph Fielding Smith e outros profetas que faleceram, é um profeta de Deus. Posso afirmá-lo, porque, quando foi apresentado à Igreja um ano atrás como nosso presidente, o Espírito do Senhor disse clara e quase audivelmente: "Ele está falando como profeta de Deus."

Sei que, ao dizer-vos isto, o Espírito do Senhor vos confirma que é a verdade. Ele não é meramente o profeta de Deus para os membros da Igreja; é o profeta de Deus para a terra inteira. E tem para todos nós palavras de vida eterna, quando nos repete que o Evangelho foi restaurado, e que estamos engajados na edificação do reino de Deus nos últimos dias, a fim de que a humanidade não tenha que ser destruída pelas calamidades e desastres que foram preditos e certamente acontecerão, a menos que nos arrependamos e voltemos a ele.

Eu testifico a veracidade destas coisas em nome de Jesus Cristo. Amém.

Uma questão de livre arbítrio

Élder Robert D. Hales
Assistente do Conselho dos Doze

Discurso proferido na sessão matutina de sábado, 5 de abril de 1975, da 145a. Conferência Geral Anual.

Uma nova Autoridade Geral responde ao chamado — e revê o princípio da consagração.

Meus irmãos, esta é realmente uma grande ocasião para mim e minha família. Gostaria de dizer ao Irmão Sill (O orador que o antecedeu. N. do T.), que o tenho escutado a vida inteira, e esta é uma das vezes que gostaria de que tivesse continuado para sempre.

Apreciaria contar-vos um incidente de minha vida que penso exemplificar o que tenho em mente, e no que tenho pensado muito nestas últimas semanas. A coisa começou com o telefonema de um Sr. Marion T. Romney. Eu estava numa reunião, e minha secretária entrou, dizendo-me:

— Um certo Sr. Marion T. Romney quer falar com o senhor, — ao que respondi:

— Deve ser Marion G. Romney.

— Ele disse que o senhor deixaria a reunião, se eu o informasse de que está no telefone.

— E ele estava certo.

Acho que minha secretária teria preferido dizer à secretária dele que eu o chamaria mais tarde, mas fui ao telefone, e o Irmão Romney me fez cinco perguntas. Perguntou-me se eu gostaria de fazer uma missão; se eu era digno de fazê-la; indagou-me sobre meu filho de dezessete anos, minha situação financeira e minha saúde.

Vou contar-vos uma coisa, algo que aprendi há muito tempo: é uma questão de livre arbítrio. Se eu fosse obrigado a responder "não" a qualquer das cinco perguntas, teria perdido meu livre arbítrio. Eu tinha condições financeiras, era moralmente digno e conhecia a lei da consagração e seu significado; e apreciava a oportunidade.

Telefonei imediatamente para minha mulher e depois fui para casa. Conversei com ela, como o Élder L. Tom Perry conversou com a dele. Nossas esposas têm espíritos parecidos. Ela me acompanhou pelo mundo inteiro. Mudamo-nos quinze vezes. Aprendeu duas línguas, criou nossos filhos e sempre me tem apoiado.

Lembro-me de uma vez, quando acabava de voltar de uma viagem ao exterior, mais ou menos prolongada. Minha mulher sentou-se no braço da poltrona, e eu encostei a cabeça em seu ombro. Estávamos quase no fim do mês e então me perguntou se eu havia completado minhas visitas de mestre familiar. Devo ser honesto: naquele momento, eu tinha outras coisas em mente. Mas fui e fiz meu trabalho de mestre familiar. Assim é o treinamento dela. Aí está: eu estava começando a aprender a lei da consagração.

Poucas semanas mais tarde, o telefone voltou a tocar. Desta vez, era o Irmão Arthur Haycock, homem que admiro muitíssimo. Conversei com ele brevemente, e então ouvi a voz do profeta, distinta, sonora, como um toque de clarim.

— Irmão Hales, importa-se se trocarmos sua missão?

Pensei ir para a Missão da Inglaterra-Londres, mas, imaginei, algum outro receberia esse chamado, e respondi:

— Irei com prazer para qualquer lugar que me mendarem.

— Importa-se se o chamarmos para a Cidade do Lago Salgado?

— Não, para mim está bem, Presidente.

— Importa-se se durar um pouco mais que três anos?

— Quanto tempo quiser, Presidente.

— Gostaríamos de tê-lo servindo conosco pelo resto da vida.

Os últimos vinte anos passaram diante de mim como um raio. Sentia-

me como o homem prestes a cair num precipício, agarrado a um galho que cedia lentamente, e que clamou com fervor: "Salva-me!" E ao olhar para as rochas lá no fundo, ouviu uma voz clara e forte: "Larga, e serás protegido." Nisso, olhando para cima, o homem perguntou: "Tem mais alguém aí em cima?"

O chamado era claro. Eu devia largar todas as coisas que sabia e pelas quais havia lutado a vida inteira, para me tornar um assistente dos Doze.

Aprendi com Joseph Fielding Smith a lei da consagração, e sobre ela tenho falado muitas vezes aos jovens. A consagração não é uma coisa esporádica, mas dar nossa vida todos os dias. Conversando comigo, Joseph Fielding Smith disse que não significa darmos nossa vida no sentido em que o fez seu avô, Hyrum Smith, quando morreu com o Profeta. A consagração é uma vida inteira, esforçando-nos dia a dia a darmos o melhor de nós, levar uma vida honrada, viver da melhor forma que conseguimos.

Assim o profeta falou também à minha esposa. Nós nos abraçamos, sem uma palavra, sabendo o que tinhamos e que dedicaríamos e consagraríamos nossa vida a essa missão na Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, qualquer que fosse. Fizemos a pergunta que o Élder Ashton nos ensinou: — Por que eu? — Respondemo-la, e agora já ficou para trás.

Quero dizer apenas: Não é na morte ou num único acontecimento que damos nossa vida, mas dia após dia como nos é pedido.

Nos últimos cinco anos, como representante regional, tive oportunidade de ser temperado como o aço — de observar e trabalhar com homens chamados como testemunhas especiais de Deus, a fim de conhecer, ensinar e treinar os portadores do Sacerdócio com quem lidam.

Não sabeis que esses homens recebem revelações todos os domingos em que se organiza uma estaca? Ajudando-os e ajoelhando-se com eles, na qualidade de representante regional, quando agem como porta-vozes do Espírito Santo, podemos saber também que Deus vive, que Jesus é o Cristo, que temos um profeta de Deus aqui presente hoje, e que possuímos testemunhas especiais que nos dirigem e guiam, se escutar-mos sua voz.

Rogo ao Senhor em oração que eu possa ser capaz de ser um exemplo, como estes homens vêm sendo há anos, para poder ajudar a edificar os outros. Meu filho de dezessete anos perguntou-me:

— Pai, o senhor acha mesmo que algum dia chegará a ser como eles?

Ele o formulou de maneira um pouco mais delicada, mas pensei em minha vida a qual dedico, dou e consagro para ser um instrumento em suas mãos, trabalhando sob a diretriz de todas as Autoridades Gerais e valendo-me da sua ajuda, para que possamos trabalhar conjuntamente.

Dedico minha vida e meu serviço, e conforme Paulo declarou em 1 Coríntios: "A minha palavra, e a minha pregação, não consistiu em palavras persuasivas de sabedoria humana, mas em demonstração de Espírito e de poder;

"Para que a vossa fé não se apoiasse em sabedoria dos homens, mas no poder de Deus." (1 Cor. 2:4-5.)

Invoco as bênçãos do Senhor sobre todos os que tornaram este dia possível para mim" Meus professores na Primária e Escola Dominical; meus pais que foram realmente "boa família", que me ensinaram e têm sido um exemplo em toda minha vida; meu irmão e irmã sempre me foram um exemplo por sua fé e serviço na Igreja; minha mulher e meus rapazes — Stephen, meu filho que está em missão, e David que se encontra aqui comigo na Cidade do Lago Salgado. Eles são uma grande fonte de força para mim.

Peço as bênçãos do Senhor, para que eu possa ser um em propósito com os Doze e todas as Autoridades Gerais, e convosco, meus irmãos; e digo aos portadores do Sacerdócio que qualquer um de vós poderia estar aqui em meu lugar. Ninguém deve perguntar-se: "Por que eu?" e ficar repisando inutilmente a questão. Vou fazer conforme disse o profeta — esquecer o passado, e dedicar e consagrar todo meu tempo, talentos e esforços ao trabalho do Senhor. E digo isto em nome de Jesus Cristo. Amém.

Fundamentado no Testemunho

Élder Joseph B. Wirthlin
Assistente do Conselho dos Doze

Discurso proferido na sessão vespertina de domingo de manhã, 6 de abril de 1975, da 145a. Conferência Geral Anual.

Nova autoridade geral presta tributo à sua família e companheiros.

Meus caros irmãos, sinto-me honrado, porém humilde nesta sagrada ocasião. Na quinta-feira, há uma semana, o Presidente Kimball chamou-me pelo telefone e disse:

— O irmão teria tempo de vir com sua esposa, para conversarmos? — Pensei comigo: **"Imagine! Se não tenho tempo de conversar com o profeta?!**

Na verdade, eu teria vindo dos quatro cantos do mundo para conversar com ele, e vós também. Fiquei chocado, quando ele me falou de minha designação, mas logicamente aceitei sem hesitar.

Ao sair do gabinete dele, eu **estava** em choque. Mal conseguia acreditar o que acontecera comigo. Então, exatamente três horas e vinte e sete minutos depois, houve o terremoto. (Naquele dia, houve um terremoto cujo centro foi em Malad, Idaho, porém sentido também na Cidade do Lago Salgado.) Isto me fez voltar à realidade.

Bryant S. Hinckley, um dos grandes homens da terra, escreveu anos atrás a respeito de meu pai: "Neste século, não se criou melhor exemplo de masculinidade." (De Thomas Carlyle.) Creio que isto se aplica igualmente ao Presidente Kimball.

Aprendi de meu pai a ser humilde, diligente, digno de confiança e a honrar as Autoridades Gerais da nossa Igreja. Confio em que só trarei honra ao nome dele.

Em minha vida, tenho sido ladeado por duas mulheres maravilhosas: minha mãe que me deu a própria vida e me criou no caminho da verdade e retidão. Em nossa casa reinava espiritualidade, amor e refinamento. Ela jamais permitiu um trabalho relaxado, e nos ensinou a não levar tempo demais para fazê-lo. Minha querida Elisa, companheira e esposa, a quem amo e respeito, é uma das mais nobres servas de nosso Pai Celestial. Ela tem-me apoiado com uma dedicação inquebrantável; seu caráter é parecido com o de Rebeca, em outros tempos, e de suas avós pioneiras. É uma pessoa positiva, estóica, cheia de fé, possuindo um profundo amor pelo Evangelho. Ela tem sido uma inspiração para mim. Presto tributo aos pais dela por terem-na criado.

Aprecio e amo cada um de nossos oito filhos. A vida reta deles só nos deu alegrias e felicidade. Honro meus irmãos e irmãs pelo serviço que prestam à Igreja e suas comunidades.

Lembro-me de meus treinadores que me ensinaram a jogar — literalmente o jogo da vida — e dos muitos excelentes professores na escola, e particularmente na Igreja. A Irmã Romney foi professora minha na Primária, e o Presidente Romney foi o bispo que me recomendou para fazer missão.

Hoje penso nos muitos excelentes irmãos, meus companheiros de Igreja, com quem tenho trabalhado, e homenageio-os pela influência edificante que tiveram sobre mim.

A organização da Escola Dominical da Igreja é-me muito cara ao coração. Sob a liderança capaz do Presidente Russell M. Nelson, seus ótimos conselheiros, e uma junta talentosa e inspirada, esta organização contribuirá em muito para ajudar e promover o trabalho missionário na Igreja.

Adorei minha missão na Suíça e Alemanha. Ao partir de trem da Basiléia, Suíça, lágrimas corriam-me pelas faces, por saber que meu serviço de tempo integral na Igreja estava terminado. Eu amo o povo suíço e alemão por suas numerosas qualidades de caráter. Amo a sua língua, tão exata e ainda assim tão expressiva.

Minha vida está literalmente fundamentada no testemunho de que Deus vive, que Jesus é o Cristo. Honro o Sacerdócio que possuo, e tenho visto seu grande poder na cura de enfermos. Sei que o Espírito do Senhor de fato sussurra a seus servos, e que cabe a nós dar ouvidos a ele. Testifico-vos hoje que Joseph Smith é um profeta e que, através dele, esta grande Igreja foi restaurada e organizada por revelação.

Presidente Kimball, no amor que vos tenho e a todos estes irmãos aqui sentados na tribuna e que constituem as Autoridades Gerais da Igreja, vos ofereço minha vida e meus serviços. Irei aonde quiserdes que eu vá, e darei o melhor de mim para a edificação do reino de Deus aqui na terra, em nome de Jesus Cristo. Amém.

Minha Mãe ganhou um filho melhor

Élder Adney Y. Komatsu

Assistente do Conselho dos Doze

Discurso proferido na sessão vespertina de domingo, 6 de abril de 1975, da 145a. Conferência Geral Anual.

A Igreja nos dá oportunidade de melhorarmos a nós mesmos e nos educarmos para a vida eterna.

Gostaria de, humildemente, prestar-vos meu testemunho da veracidade do Evangelho de Jesus Cristo e de minha conversão à Igreja.

A primeira vez que encontrei os missionários foi há pouco mais de trinta e quatro anos, quando eu ainda fazia o curso colegial. Convidaram-me a ir à AMM e fazer parte do seu time de basquete. Sem saber coisa alguma a respeito da Igreja, porém muito interessado no basquete, fui à AMM. Depois passei a ir à Escola Dominical, e mais tarde à sacramental.

Após freqüentar a Igreja e estudar o Evangelho durante um ano, tendo lido a história da primeira visão de Joseph Smith, aceitei ser batizado. Naquela noite, tendo-me comprometido a ser batizado, voltei para casa, a fim de pedir permissão à minha mãe viúva.

Subitamente, vi lágrimas nos seus olhos. Perguntei por que chorava e ela respondeu, dizendo:

— Não são lágrimas de alegria, mas de tristeza, — pois acabara de perder outro filho. Ela havia perdido um filho durante sua viuvez, meu irmão, e por isso dizia que acabava de perder outro filho para uma igreja cristã.

Mais tarde, ela explicou-me que havia prometido a meu pai, no seu leito de morte, que criaria os filhos honrosamente na fé budista. Imediatamente assegurei-lhe que naquele ano de convivência com os missionários, eu sempre fora edificado, e deles aprendera somente coisas boas.

Prometi a ela que, se me desse permissão para batizar-me e mais tarde achasse que eu lhe causara qualquer embaraço com minha conduta — ou cometesse algum ato vergonhoso ou ignóbil — tudo o que precisava fazer era pedir, que eu deixaria de freqüentar a Igreja, e obedeceria sem questionar.

Entretanto, por outro lado, se eu me tornasse uma pessoa melhor — mais atento para com suas necessidades de viúva, mais generoso com as exigências do lar, dos meus irmãos e irmãs — então perguntei:

— A senhora me permitirá freqüentar a Igreja? Porque eu sei que é lá o lugar onde posso educar-me para a vida eterna.

Hoje testifico que nunca tive que deixar a Igreja, nem causei à minha mãe qualquer preocupação com minha conduta. Vivendo os princípios ensinados pelos missionários e estudando-os, tinha a certeza vinda de meu Pai nos céus de que nunca teria que me preocupar com meu futuro.

Desde o batismo, tenho procurado sempre pôr em prática os princípios do Evangelho. E tenho um carinho todo especial por esta passagem das Escrituras: "Mas buscai primeiro o reino de Deus e a sua justiça, e todas estas coisas vos serão acrescentadas." (Mat. 6:33.)

Tenho tentado em todos os meus anos de Igreja nunca recusar-me, sempre que recebia um chamado. Tenho sido certamente abençoado pelo Senhor, vivendo os princípios do Evangelho, e criei um grande apreço pelo sagrado Sacerdócio que possuo.

Hoje sou grato pelos missionários — iguais aos que estão convertendo o mundo atualmente — que foram ao Havaí pregar os princípios do Evangelho, e pelos muitos membros da Igreja com quem lá convivi e que me ensinaram princípios do Evangelho bem como princípios de liderança.

Sou grato pela minha querida mulher e nossos filhos, pois temos tido uma vida abençoada juntos num lar mórmon.

Hoje presto-vos humildemente testemunho de que sei que Deus vive. Ele ouve e atende nossas orações, e Jesus é o Cristo, o Unigênito do Pai e o Salvador do mundo. Joseph Smith foi de fato um instrumento nas mãos do Senhor, comissionado a iniciar a restauração do Evangelho de Jesus Cristo em sua plenitude, para a salvação de toda a humanidade.

Todos os presidentes da Igreja que sucederam a Joseph Smith, foram chamados por Deus, e mesmo hoje, o Presidente Spencer W. Kimball é nosso profeta vivo.

Presto-vos este testemunho, humildemente em nome de Jesus Cristo. Amém.

O Apóstolo Thomas S. Monson Dedica Portugal para a Pregação do Evangelho

Élder Thomas S. Monson
do Conselho dos Doze

A 21 de abril de 1975, o Élder Thomas S. Monson do Conselho dos Doze Apóstolos desembarcou no Aeroporto Portela, de Lisboa. Ele vinha da Suécia onde havia organizado a primeira estaca naquele país e estava agora em Portugal para um outro acontecimento importante... a dedicação daquele país do sul europeu para a pregação do Evangelho.

Pela primeira vez na história de Portugal o verdadeiro Evangelho de Jesus Cristo era pregado. O Presidente Wm. Grant Bangerter, o primeiro presidente da Missão Portugal já estava no país quatro meses quando o Élder Monson chegou, e com 17 missionários já havia dado passos firmes para o estabelecimento do reino do Senhor ali.

No dia seguinte, 22 de abril, o Élder e a irmã Monson, o Presidente e a irmã Bangerter e um ônibus cheio de membros, missionários e investigadores se encontraram num belo declive de um morro numa área isolada a muitos quilômetros de Lisboa. Aproximadamente 50 pessoas se reuniram às 8:00 da manhã nesse local que apresentava uma linda vista para o interior português e para o mar, e ouviram o Élder Monson dedicar a terra ao Senhor.

Era um dia bonito, a cerimônia foi inspiradora e o momento foi histórico. Um momento que o Élder Monson prometeu que todos os presentes "nunca se esqueceriam".

Os brasileiros "aumentam os seus esforços" para apoiar a missão em Portugal

No seminário para os Representantes Regionais e Autoridades Gerais da Igreja realizado a 4 de abril de 1974, o Presidente Spencer W. Kimball deu algumas instruções específicas quanto ao "aumento de esforços" na obra missionária. Referindo-se às nações que ainda não tinham missionários, ele disse que se fizéssemos tudo o que pudessemos o Senhor abriria as portas.

Foi muito curioso que apenas três semanas depois do Profeta haver feito essa declaração inspirada, uma revolução em Portugal subitamente permitiu acesso livre pela primeira vez aos nossos missionários naquele país. Portugal também logo se tornou a primeira nação a ter uma organização de missão segundo as palavras proféticas do Presidente Kimball.

Talvez em lugar nenhum na Igreja as palavras do Presidente Kimball de "aumentar os esforços" foram levadas tão a sério quanto o foram pelos santos no Brasil. Como o trabalho missionário se expandiu no Brasil, não apenas para sustentar suas necessidades como também para sustentar a nova missão em Portugal, é uma dessas histórias inspiradas que dizem respeito à conduta do Senhor com o seu povo em nossos dias.

Através dos Representantes Regionais e das Autoridades Gerais a mensagem do Presidente Kimball foi transmitida aos líderes brasileiros. (Um desses Representantes Regionais era Wm. Grant Bangerter, agora Élder Bangerter, um dos quatro novos assistentes dos Doze Apóstolos, e que havia sido chamado para dirigir áreas no Brasil apenas dois meses depois do seminário de abril; logo depois disso ele foi chamado como primeiro presidente da Missão Portugal).

Os brasileiros se elevaram e se inspiraram muito com o fato de que se esperava que o seu país desempenhasse a sua parte num grande chamado para o mundo. Parte do desafio do Presidente Kimball foi dirigida a nações que não os Estados Unidos, as quais ele disse que ainda não haviam alcançado o seu potencial. Ele enfatizou a necessidade desses países proverem os seus próprios missionários bem como de preparar outros para serem mandados a diferentes partes do mundo. Os brasileiros tiveram logo a oportunidade de fazer exatamente isso.

Missionários trabalhando em Lisboa — Primeira fila, da esquerda para a direita: Élderes Camargo, Thomas, Alves, Domingues. Segunda fila: Cruz, Cavinati, Prestes, Horton, Pereira, Sturkie, Bonetti. Terceira fila: Élderes Riquino, Nunes, Anderson, Taylor, Sister Pinegar Openhaw, Ward, Joseph. Atrás: Élder Pinegar, Pres. Pinegar

Numa reunião de líderes de estacas e de missões brasileiras realizada a 2 de novembro de 1974, três dos Representantes Regionais do Brasil: Antonio C. de Camargo, Asael T. Sorensen e irmão Bangerter, deram aos brasileiros uma razão bastante dramática para cumprirem a sua responsabilidade missionária com o seguinte anúncio: "Está sendo aberta uma missão da Igreja em Portugal." O irmão Bangerter como novo presidente, estava a caminho de Portugal na ocasião.

Ele mostrou que essa nova jornada não deveria ser apenas um esforço dos Estados Unidos mas que se espera o Brasil pudesse fornecer uma parte substancial dos missionários. O Comitê Missionário da Igreja havia determinado que pelo menos a metade dos missionários para Portugal deveriam vir do Brasil.

Com o anúncio daquela decisão e na medida que as notícias se espalhavam pelo país, os brasileiros responderam com uma tremenda onda de entusiasmo. Os laços entre o Brasil e Portugal sempre foram fortes (o Brasil foi uma colônia de Portugal até 1822) e muitos brasileiros têm amigos e parentes em Portugal. Muitos nomes foram logo entregues aos missionários como referências.

Os presidentes de missão no Brasil selecionaram quatro missionários entre os melhores que tinham para se tornarem os primeiros missionários em Portugal. Foram: Élder Wagner de Camargo, Élder Paulo Perisse, Élder Dale Thompson e Élder Shane Topham. Obedecendo a norma estabelecida pelo Comitê Missionário dois desses homens (Élderes Camargo e Perisse) eram brasileiros.

De acordo com o irmão Bangerter, "A abertura da Missão Portugal foi em grande parte um esforço da Igreja no Brasil. (1) Talvez pela primeira vez, até este ponto, uma nação foi aberta ao Evangelho sendo apoiada principalmente por um país que não os Estados Unidos.

No momento em que escrevíamos este artigo (9 de junho de 1975) havia 20 missionários em Portugal e 11 deles são brasileiros, uma vez que os santos dos últimos dias no Brasil continuam a obedecer à designação de mandar mais missionários. No espaço de um ano após o Presidente Kimball haver feito o seu apelo para que a Igreja em todo o mundo provesse mais missionários, o número de brasileiros no campo missionário aumentou de 20 para mais de 100 com muitos ainda esperando os seus chamados. Espera-se que pelo fim deste ano existam brasileiros suficientes para preencherem as necessidades de duas missões da Igreja.

Além disso, atualmente há duas missões no Brasil presididas por brasileiros e um terceiro foi chamado para presidir uma missão fora do Brasil.

(1) O fato da maioria do material impresso da Igreja, inclusive as Escrituras, já estar traduzido para o português no Brasil, é um tremendo auxílio para o trabalho missionário em Portugal. Todo o material da Igreja usado em Portugal vem do Centro Editorial Brasileiro.

DEDICAÇÃO DE PORTUGAL PELO ÉLDER MONSON

Na terça-feira, dia 22 de abril de 1975, o Presidente Caldwell providenciou um ônibus para levar os membros e missionários para o local onde se havia planejado realizar a reunião de dedicação. Assim, às 7:00 da manhã o ônibus chegou no Hotel Ritz onde estavam o Élder e a irmã Monson e a maioria dos missionários com alguns dos membros. Eles se dirigiram para Alges apanhando mais membros pelo caminho e de lá para Estoril onde as famílias Caldwell e Bangerter lotaram o ônibus, então com 54 pessoas dentro. Dirigimo-nos então para o lado sul das Montanhas Sintra a uns 9 ou 10 quilômetros da Casa da Missão, onde um local havia sido selecionado com vistas para as planícies do sul e para o mar perto de Estoril e Cascais.

O lugar fica a poucas milhas do Cabo da Roca, o ponto mais ocidental da Europa, e por esta razão era o símbolo da natureza e história marítima de Portugal. O local estava sobre um ponto montanhoso no meio de pinheiros que cobriam as montanhas. A manhã estava nebulosa por causa da chuva que havia caído, mas tornou-se agradável quando chegamos, e durante a reunião o sol apareceu de tempos em tempos tornando os momentos agradáveis.

Quando já estavamos prontos o Presidente Wm. Grant Bangerter dirigiu a reunião falando em português para o benefício dos membros que não falavam inglês. Cantamos juntos, em português "Que manhã maravilhosa" e o Presidente Ray E. Caldwell do Ramo de Lisboa ofereceu a oração de abertura em inglês. O Presidente Bangerter fez então algumas observações explicativas sobre a natureza da dedicação de uma terra para a pregação do Evangelho e o Élder Thomas S. Monson ofereceu então a Oração de Dedicação, que foi registrada e estará incluida neste relatório. Após a oração o Élder Monson dirigiu-se ao grupo fazendo uma explicação do trabalho dos Doze Apóstolos. Cantou-se então o último hino em português: "Ó vem, Supremo Rei" e o Élder Mario Bonetti ofereceu a última oração em português.

O Élder Monson ofereceu a oração e fez suas observações em inglês e o Presidente Bangerter fez a tradução para o português.

Após a reunião tomou-se algum tempo para se tirar fotos e para conversas informais entre o grupo. Depois, todos retornaram ao ônibus sendo que os Bangerters, os missionários e o Élder e a irmã Monson ficaram na Casa da Missão para realizarem uma breve reunião missionária. Nessa reunião o Élder Monson falou aos missionários reunidos e a Howard, Peggy e irmã

Bangerter, que também estavam presentes. Falou de sua designação para vir a Portugal, dada pelo Presidente Kimball, e das preocupações que sentiam pelo país. Falou do movimento para que mais missionários venham de outros países, da necessidade do autocontrole, de exemplos de missionários não muito sábios, de missionários chamados por profecia, dos companheiros, dos contatos, das conversões, do testemunho, da coragem e do Cristo. Falou também sobre as bênçãos prometidas.

No centro da foto o Presidente Élder William Grant Bangerter (1.° Pres. da Missão Portugal), Élder Thomas S. Monson (Enviado a Portugal para dedicação da Terra. Montanhas de Sintra, e membros.

Após a reunião o Presidente e a irmã Bangerter junto com Howard e Peggy levaram o Élder e a irmã Monson para o aeroporto de onde eles partiram para a Inglaterra num avião da British Airways a caminho de volta para a Suécia, via Dinamarca. Voltamos todos aos nossos lares para meditar sobre o efeito e importância do que havia ocorrido conosco nesse dia e para imaginar os grandes efeitos que tudo isso teria sobre a terra portuguesa. Terry e Sue Hansen que também nos haviam acompanhado na dedicação voltaram para o seu lar na Alemanha.

O que se segue é uma transcrição da reunião dedicatória com a oração do Élder Thomas S. Monson, do Conselho dos Doze Apóstolos de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, na dedicação de Portugal.

...(Presidente Bangerter falando em português)... Aqui conosco hoje está o Élder Thomas S. Monson, um dos Doze Apóstolos de Jesus Cristo aqui sobre a terra nos últimos dias. O Élder Monson veio aqui por designação recebida do Presidente Kimball para oferecer uma oração especial de dedicação da terra portuguesa para a pregação do Evangelho, e para abrir as portas do Evangelho nos últimos dias.

Para iniciar a reunião cantaremos o hino número,... quem lembra?... número 97... a irmã Judy Caldwell irá dirigir a música... É o hino "Que manhã maravilhosa"... Após o hino o Presidente Ray E. Caldwell do Ramo de Lisboa oferecerá a primeira oração.

...(irmã Caldwell)... Vamos cantar com entusiasmo!

Hino.

Oração... (Presidente Caldwell)... Nosso Eterno Pai Celestial, nossos corações estão cheios de agradecimento e amor esta manhã por nos reunirmos como um grupo de Tua Igreja aqui em Portugal para o propósito de dedicar esta velha e histórica terra para a pregação do Evangelho restaurado de Jesus Cristo. Somos agradecidos, nosso Pai Celestial, pela presença conosco do Élder e da irmã Monson, pelo Presidente e pela irmã Bangerter, pelos missionários, pelos novos membros que aceitaram o Evangelho aqui e cada um de nós. Oramos, Pai Celestial, que o Teu Espírito esteja conosco. Que nós possamos lembrar este acontecimento como uma experiência espiritual. Que possamos continuar em frente e que cada um possa fazer a sua parte, que o Teu Reino possa ser estabelecido nesta terra e que a mensagem da verdade possa trazer paz, segurança e bem-estar para este país. Nós te agradecemos, Pai Celestial, pela alegria do Evangelho em nossas vidas, pela verdade que entendemos, pela certeza de que Tu ouves as nossas orações e pelas bênçãos que cada um de nós tem recebido. Oramos para que o Teu Espírito nos dê assistência nestes momentos em que estamos juntos. Pedimos que olhes por nós e que estejas conosco. Pedimos isso humildemente em nome de Jesus Cristo. Amém.

...(O Presidente Bangerter falando em português)... Lembrando a visita do Élder e da irmã Monson, nos sentimos abençoados em poder receber esta primeira visita de um Apóstolo à Missão Portugal-Lisboa. Diversas autoridades já passaram pela cidade e pelo país mas nunca desde a formação da Missão Portugal. Assim, aqui estamos pela primeira vez com uma Autoridade da Igreja para nos presidir e para supervisionar os nossos trabalhos.

Gostaria de mencionar algumas coisas antes que o Élder Monson fale, com respeito ao ato da dedicação. Tem sido um processo normal e tem ocorrido desde os tempos antigos, que os profetas orem a Deus em dedicação e em oração para consagrar certos lugares e situações no mundo. Nos últimos dias, os Doze Apóstolos têm recebido ordens por revelação de Deus, para levar o Evangelho a todas as partes do mundo e é por isso que eles estão presidindo neste trabalho missionário, pois eles não têm capacidade para fazer todo o trabalho sozinhos. É por esta razão que eles presidem e governam o trabalho dos missionários e chamam outros para fazer o trabalho. Assim, tudo o que fazemos nas missões e estacas está sob a direção dos Doze Apóstolos. Lembramos que no passado, mas já nesta Restauração do Evangelho, os Apóstolos foram a diversos países para pregar. Penso em todos os países onde o Evangelho está sendo pregado agora. Lembramos que no ano de 1841 o Apóstolo Orson Hyde foi designado para ir a Jerusalém e lá construiu um altar onde ofereceu uma oração de dedicação para a reunião dos judeus naquele país.

Temos outros exemplos de atos idênticos, foi mandado, por exemplo, que o anjo Morôni antes de sua morte, antes que ele fosse um anjo, (quando ele andava pelo continente americano, tendo o seu povo já sido destruído, quando este homem, que já havia escrito as últimas páginas do Livro de Mórmom e enterrado este livro para ser descoberto mais tarde por Joséph Smith, caminhou sozinho por vinte e um anos por este continente, as vezes fugindo dos seus inimigos), mas como profeta, que dedicasse certos lugares nos Estados Unidos e outros lugares para trabalhos sagrados... Diz-se, por exemplo, que onde está construido o Templo de Manti, Brigham Young disse que deveria ser construido um templo no local porque mil e quinhentos anos antes esse mes-

Batismo realizado no mar perto de Lisboa

mo Morôni havia dedicado aquela terra para a construção de um templo nos últimos dias. Por isso tudo sabemos que estes minutos são sagrados. Podemos concluir também que o que vai ocorrer hoje é essencial para a salvação da nação portuguesa. Julgamos que esta seja por si mesma uma manifestação do poder de Deus, que está agindo no meio do Seu povo. Gostaria de mencionar que estamos aqui num lugar histórico, que quase tudo o que fazemos aqui na Missão é histórico porque estamos no início. Entretanto, aqui estamos numa terra com uma grande História, uma terra com um povo que com grande coragem e sabedoria descobriu grandes porções do mundo. Estamos muito perto do ponto mais ocidental da Europa. Daqui podemos ver o mar e o seu significado para o povo português. O local é belo e silencioso. Creio que foi muito apropriado que pudéssemos ter o privilégio de participar hoje nesta dedicação desta terra portuguesa para a pregação do Evangelho. Deixo estas palavras de explicação em nome de Jesus Cristo. Amém.

Vamos ouvir agora o Élder Thomas S. Monson do Conselho dos Doze Apóstolos.

...(Élder Monson)... Vamos abaixar nossas cabeças em oração...

Oh! Deus, nosso eterno Pai Celestial... Reunimo-nos diante de Ti neste belo dia... com o frescor da primavera pairando no ar, e um sentimento de paz dentro de nossos corações... e expressamos nossa gratidão a Ti, pelo privilégio de estarmos diante de Ti em santa oração... Somos agradecidos pelas bênçãos que temos recebido de Tuas mãos... Somos agradecidos pela maneira como tens abençoado o Teu trabalho sobre a terra... e reconhecemos em Tua presença, a influência de Tua mão em nossas vidas... Somos agradecidos por termos um profeta de Deus... o Presidente Spencer W. Kimball... que foi capaz de influênciar todos nós com um desejo renovado de espalhar a Tua Palavra pela terra... Ele chamou a atenção do mundo para a mensagem que o Teu Filho Jesus Cristo deu aos Seus discípulos quando Ele disse, "Ide por todo o mundo e ensinai todas as nações, batizando-as em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo." Respondendo a este chamado... e de acordo com essa declaração divina, nós nos reunimos aqui hoje nesta terra de Portugal para dedicá-la ao ensino do Evangelho de Jesus Cristo.

Reunidos aqui, Pai Celestial, estão explendidos missionários que vieram da América e do Brasil, e nós nos lembramos quando olhamos para eles as palavras do Apóstolo Paulo "Quão belos são nos cumes das montanhas os pés daqueles que levam as boas novas e que pregam a paz". Abençoa, Ó Pai Celestial, estes missionários, dá-lhes poder acima do seu, e abençoando-os nós Te pedimos também que abençoes todos os missionários que venham a pisar nesta terra, que cada um possa reconhecer que está pisando numa terra que foi dedicada para a pregação do Evangelho. Que eles possam trabalhar sem descanso e que cada um possa reconhecer que o valor das almas é precioso a Tua vista. Nós Te pedimos para abençoar estes membros que estão aqui conosco esta manhã.

Eles são pioneiros de uma maneira muito especial, pois que cada um deles está na frente de todos os outros mostrando o caminho a seguir. Permita, Pai Celestial, que o número de membros possa aumentar. Que as bênçãos do Evangelho possam vir aos corações do povo português. Reconhecemos, ó Pai, que desta terra partiram navegadores e homens do mar nos dias passados e que o povo português tem um espírito de aventura. Que eles possam confiar em Ti como quando procuravam terras desconhecidas. Permita que eles possam confiar em Ti ao pesquisarem essas verdades que os conduzirão à vida eterna. Ó Pai Celestial, abençoa o governo desta terra. Tu conheces as agitações e as dificuldades que estão transpirando. Toques os corações dos homens nos lugares de influência e permita que eles possam tomar aquelas decisões que sejam favoráveis ao crescimento do Teu trabalho aqui, e abençoe o povo para que ele possa tomar parte ativa em seu governo e que eles possam ser conduzidos a Ti nas decisões que tomam e que tudo possa ser feito em prol do crescimento do Teu trabalho.

Abençoa as pessoas que foram trazidas a esta terra nesta época, atendendo chamados para servir-Te. Reconhecemos que eles vieram como resultado de Tua inspiração. Reconhecemos as Tuas mãos em suas vidas e nas nossas.

Agora, Pai Celestial, os nossos corações queimam quando lembramos as palavras do Profeta Joseph Smith quando disse numa carta para o Sr. John Wentworth, referindo-se ao fato de que o Evangelho continuaria a seguir em frente, "Nenhuma mão que não tenha permissão poderá parar o trabalho impedindo-o de crescer. Exércitos poderão se reunir, as turbas poderão se ajuntar, a calúnia poderá difamar, mas a verdade de Deus irá em frente com audácia, com nobreza e com independência até que tenha visitado todos os países, passado por todos os continentes, soado em todos os ouvidos, e então o Grande Jeová dirá: O trabalho está feito". Oh! Pai Celestial, buscamos Tuas bênçãos agora para o crescimento da Tua obra.

Pedimos que o Teu Evangelho possa ser como os filhos de Mosiah que pesquisaram diligentemente as Escrituras a fim de que pudessemos conhecer as palavras de vida eterna. Que eles possam orar e jejuar muito para que possam ter o espírito de profecia e revelação, e que quando eles ensinarem possam ensinar com o poder e autoridade de Deus. Sabemos, Ó Pai, que este é apenas o início, e assim invocamos as Tuas bênçãos divinas para que possa crescer a Tua causa aqui em Portugal. Abras o caminho. Prepares o povo. Que essas pessoas que estão aqui e que se prepararam para a mensagem de verdade possam recebê-la. Óh Pai Celestial, sejas paciente com o povo, estenda a Tua mão amorosa sobre eles. Tu sabes por quanto tempo eles ficaram sem a luz do Evangelho, concede-lhes Tuas bênçãos divinas em grande abundância, para que eles possam se alegrar em seus espíritos. Que eles possam louvar o Teu Santo Nome. Que eles possam saber que tens interferido em suas vidas.

Sabemos, Pai Celestial, que os portugueses no Brasil aceitaram o Teu Evangelho. As estacas de Sião estão estabelecidas em grande número no Brasil e um templo dedicado ao Teu Santo Nome será erigido ali. Oh Pai, este aqui é o mesmo povo. Olha por eles com o mesmo espírito de bondade com que favoreceste os seus descendentes no Brasil. Pai Celestial que os Teus desejos sejam manifestos nas vidas

Os 4 primeiros élderes — Da esquerda para a direita, William Shane Topham, Dale E. Thompson, Paulo M. P. Perisse e Wagner de Camargo

dessas pessoas e que Tu possas agora ouvir a nossa súplica pois, com a autoridade do Santo Apostolado que eu possuo, a autoridade do Santo Sacerdócio de Melquisedeque, eu neste momento dedico a terra de Portugal para a pregação do Evangelho do Senhor Jesus Cristo, e invoco as Tuas bênçãos divinas sobre tudo o que estiver ligado a esse trabalho e, da mesma forma, invoco as Tuas bênçãos sobre os líderes da Missão, sobre a liderança do ramo e local, sobre os missionários, e sobre todos aqueles que possam vir a ajudar a realizar os Teus propósitos. Isso eu faço em nome do Re-

Senhoras pertencentes à Sociedade de Socorro do Ramo de Lisboa

dentor, o Salvador de toda a humanidade, Teu Filho Único na carne, Jesus Cristo, o Senhor. Amém.

Gostaria de dizer uma palavra sobre algumas das pessoas que, eu sinto, tornaram possível este acontecimento. Creio, de todo o meu coração que o nosso Pai Celestial rege os assuntos dos homens. Sinto que Ele inspirou o Presidente Kimball a abrir o trabalho em Portugal, e que Ele levantou um homem como David M. Kennedy para ajudar em nível governamental, para que isso ocorresse, pois ele estava muito doente há uns poucos anos atrás e eu sinto que o Senhor o restaurou para que ele pudesse desempenhar a grande missão que está agora desempenhando. Gostaria que vocês todos soubessem que o seu Presidente de Missão foi escolhido no templo de Deus e que somente foi considerado um nome, e esse nome foi o do Presidente Grant Bangerter, e nosso Pai Celestial está satisfeito com o seu trabalho e o demonstrou chamando-o agora para servir como uma das Autoridades Gerais da Igreja. O que eu disse do Presidente Bangerter aplica-se a sua querida esposa. Somos também agradecidos pela maneira como o Senhor abençoou o nosso irmão Caldwell: os registros podem indicar que ele trabalha para o govêrno canadense mas, o meu testemunho é que a sua designação veio de nosso Pai Celestial. Sou agradecido por sua adorável esposa e família que o apoiam e pelo espírito que ele traz ao trabalho. Nenhum de nós que está aqui esta manhã esquecerá este acontecimento. À medida que o tempo passa, as memórias poderão se apagar, mas as lembranças deste dia glorioso permanecerão vivas para sempre. Este é um marco histórico da Igreja em Portugal, e eu simplesmente peço ao nosso Pai Celestial para cuidar de cada um de nós. Que assim como dedicamos esta terra possamos rededicar nossas vidas.

Que possamos melhor servir o Senhor e guardar os Seus mandamentos. Presto-lhes o meu testemunho de que este é o trabalho do Senhor. Que somos conduzidos por um profeta, e que Jesus é o Cristo, e que Ele nunca deixará que o Seu trabalho pereça. Este testemunho eu lhes deixo com a recomendação especial para vocês, os primeiros membros da Igreja em Portugal, cujos nomes serão registrados na história da Igreja como aqueles que tiveram a coragem, que tiveram o testemunho em seus corações, para reconhecer a verdade quando a ouviram, e tomar a decisão de se tornarem membros do Reino de Deus. Que Deus os abençoe a todos. Em nome de Jesus Cristo. Amém.

...(O Presidente Bangerter falando em português)... Vamos cantar mais um hino... "Ó vem, Supremo Rei", que se encontra na página 13 do hinário. A irmã Caldwell dirigirá a música mais uma vez.

Élder Bonetti, após havermos cantado, você poderia nos oferecer a última oração?

Hino.

Oração: Élder Mario Bonetti

...(Élder Bonetti falando em português)... Nosso Pai Celestial, nesta manhã queremos Te agradecer por esta oportunidade de termos conosco um profeta do Senhor, um Apóstolo. Pai, Te agradecemos por este privilégio de podermos trabalhar nesta terra e de fazer este trabalho missionário, e também pelas pessoas que encontramos aqui. Queremos Te agradecer pelo espírito que esteve aqui e pela maneira como tocou os nossos corações.

Pedimos que este espírito que está aqui e que estamos sentindo possa ser conservado conosco sempre; transmita-o a outras pessoas para que logo este Evangelho possa ser bem conhecido e aceito entre este povo, que nós amamos. Pai, Te pedimos uma bênção especial para os líderes da Tua Igreja e também para os Teus líderes aqui em Portugal, pois podemos realmente aprender boas coisas para mostrar ao povo português. São as coisas que nós Te pedimos com humildade em nome de Jesus Cristo. Amém.

A HISTÓRIA DA IGREJA DE JESUS CRISTO DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS EM PORTUGAL

No dia 1.º de agosto de 1973 John C. Petersen chegou a Portugal transferido pela Marinha dos Estados Unidos para trabalhar no quartel da NATO perto de Lisboa. O irmão Petersen, um membro da Igreja durante toda sua vida e um ex-missionário era o único santo dos últimos dias que a Igreja sabia estar em Portugal na época e nos diversos meses por vir.

Outros santos dos últimos dias viveram em Portugal em épocas anteriores à chegada do irmão Petersen.

Uma família de militares por sobrenome Thomas havia deixado o país

Família Bangerter — Ssentados: Duela, Pres. e Sister Bangerter, Howard. Em pé: Layne Rio, Peggy Brasilia, Paulo

Escola Dominical — Classe dos Investigadores do Ramo de Lisboa

pouco antes da chegada do irmão Petersen e havia também uma senhorita Brown que ensinava na escola americana da região e que era também membro da Igreja.

Em dezembro de 1973 Steven Lindsey, ex-missionário no Brasil e membro ativo da Igreja foi designado para a Embaixada Americana em Lisboa.

Através de contatos mútuos na comunidade americana de Lisboa os irmãos Petersen e Lindsey se encontraram e começaram a realizar reuniões sacramentais e sacerdotais todos os domingos.

Tanto o irmão Petersen como o irmão Lindsey visitaram a Casa da Missão Espanhola em Madrid em ocasiões distintas e conversaram com o presidente da missão, Robert V. Stevens, sobre o que poderia ser feito para se estabelecer uma missão em Portugal.

O Presidente Stevens visitou Lisboa na primavera de 1974 e falou com as autoridades portuguesas mas os obstáculos da burocracia portuguesa eram intransponíveis na época. Por exemplo, uma das exigências para se permitir a entrada de missionários em Portugal era um decreto que exigia a assinatura de 500 membros portugueses da Igreja. Isso era impossível, é claro, sem primeiro conseguir-se os missionários para batizá-los.

Todavia, apenas três semanas depois do anúncio profético do Presidente Kimball aos Representantes Regionais em abril, quando ele disse que teríamos que aumentar os nossos esforços e levar o Evangelho a novas nações, as portas do trabalho missionário em Portugal se escancararam com a Revolução Portuguesa de 25 de abril de 1974. Com a expulsão da velha liderança também se foram os velhos regulamentos que impediam o trabalho missionário e foi somente uma questão de meses antes que os primeiros missionários santos dos últimos dias começassem a trabalhar em solo português.

Em agosto também Ray E. Caldwell, sua esposa Judith e seus três filhos chegaram em Lisboa. O irmão Caldwell, um sumo sacerdote, foi designado pelo govêrno canadense como Primeiro Secretário da Embaixada Canadense em Lisboa. Ele havia se encontrado também com o Élder Bernard Brockbank na Cidade do Lago Salgado antes de partir para Portugal e havia sido designado líder de grupo para quaisquer membros que ele pudesse encontrar. Não levou muito tempo para os Caldwell fazerem contato com o irmão Lindsey e o irmão Petersen sendo que foram feitos arranjos para a realização de reuniões todos os domingos na espaçosa casa dos Caldwell em Estoril (aproximadamente uns 15 quilômetros de Lisboa).

O dia 19 de novembro de 1974 tornou-se uma data histórica para a Igreja em Portugal, quando o Presidente Wm. Grant Bangerter (agora Élder Bangerter, um Assistente dos Doze Apóstolos), o novo presidente da Missão Portuguesa chegou no Aeroporto Portella de Lisboa. Quatro outros missionários, Élder Wagner de Camargo, Élder Paulo Perisse, Élder Dale Thompson e Élder Shane Topham vieram no dia seguinte. Os quatro jovens missionários vieram de avião do Brasil, onde estavam servindo.

Estava a caminho agora o trabalho do Senhor em Portugal. Devido ao clima político instável e imprevisível no país, pouco se fez no que diz respeito aos anúncios públicos sobre o que estava acontecendo e foi somente na última Conferência Geral de abril com o anúncio do chamado do Presidente Bangerter como Assistente dos Doze (aproximadamente um ano depois da revolução portuguesa) que os membros da Igreja em geral souberam que um outro tronco da vinha do Senhor havia sido aberto para a mensagem do Evangelho.

A metade da família do Presidente Bangerter, cinco de seus dez filhos, chegaram em Portugal pouco antes do Natal de 1974. Agora haviam realmente se iniciado as atividades dos santos dos últimos dias em Portugal.

No dia 23 de dezembro, um programa especial de Natal foi apresentado no lar dos Caldwell, onde se realizavam as reuniões da Igreja.

No dia de Ano Novo de 1975 os membros e missionários foram para um lindo e afastado local perto do oceano e realizaram uma reunião especial para abençoar Portugal para o início do trabalho do Senhor. (Não foi uma dedicação. Esta ocorreu alguns meses mais tarde quando o Apóstolo Thomas S. Monson veio.)

Em janeiro o Presidente Bangerter chamou o irmão Caldwell para ser o primeiro presidente do ramo de Lisboa, Portugal. O irmão Petersen foi chamado para ser seu conselheiro. (Em dezembro o irmão Lindsey casou-se com Nelia Amorosa, uma jovem senhora portuguesa. Nelia foi batizada pelo irmão Lindsey na Espanha em outubro, sob a supervisão do Presidente da Missão Espanhola. Logo depois de seu casamento em dezembro, os Lindsey se mudaram para os Estados Unidos e moram agora em Jordan, Utah).

A comunidade dos santos dos últimos dias foi aumentada também com a chegada da família DuPriest, de Huntington Beach, Califórnia. O irmão DuPriest foi mandado a Portugal pela companhia para a qual trabalhava.

Sendo uma família de conversos os DuPriests tinham testemunhos e experiências que se transformaram num grande impulso para o ramo de Lisboa.

Juventude do Ramo de Lisboa

No fim de janeiro de 1975 o trabalho missionário fazia grandes progressos em Portugal. Os missionários com

Família Caldwell — Presidente Ray Caldwell (Presidente do Ramo de Lisboa), Sister Caldwell e os filhos Tom, Bob e Jim

o auxílio das referências dadas pelos membros brasileiros encontraram muitas pessoas que estavam prontas ansiosas para ouvir sua mensagem. Médicos, homens de negócio, motoristas de carro, jornalistas, todos abriram as suas portas e os seus corações para a mensagem dos missionáros. Os Élderes Thompson e Camargo foram convidados para falar numa igreja Pentecostal.

Já então o lar do Presidente Caldwell havia se tornado muito pequeno para as reuniões e uma sala foi alugada no Hotel Roma em Lisboa por umas poucas horas cada domingo. Durante fevereiro 50 pessoas freqüentaram uma reunião sacramental, um aumento bastante grande em relação às reuniões com os irmãos Petersen e Lindsey, somente oito meses antes.

Numa Corte de Honra realizada em fevereiro a irmã Bangerter foi reconhecida pelos seus esforços excepcionais no Conselho da tropa de escoteiros local. Dois outros membros estavam também envolvidos no programa dos Lobinhos. O irmão Petersen estava servindo como baloo dos lobinhos de Webelos e a irmã Caldwell estava trabalhando como "aquelá". (O irmão Petersen está agora trabalhando como chefe de alcatéia).

Durante esse tempo, todavia, o clima político em Portugal não melhorou. Os comunistas estavam se tornando extremamente poderosos no govêrno provisório e esquerdistas controlavam os jornais, rádio e televisão tomando uma atitude anti-americana. (Os missionários foram acusados muitas vezes de serem agentes da CIA.) Um dos grandes jornais de Lisboa entrevistou o Presidente Bangerter e o Élder Camargo e, embora a entrevista tenha sido muito cordial e educada, a história públicada foi cheia de ceticismo e críticas.

Não obstante, o trabalho do Senhor florescia. Os Bangerters estavam realizando quatro reuniões famíliares semanais em seu lar para as famílias dos investigadores. Uma fonte batismal feita em casa foi construída na Casa da Missão com uma larga chapa de plástico segura por uma estrutura de madeira, e os primeiros batismos começaram a ser registrados.

Além dos novos conversos foram feitos contatos com dois santos dos últimos dias batizados fora de Portugal. O irmão Antonio Rocha Pinto, um élder, e que foi convertido na França e a irmã Maria José da Costa que aceitou a Igreja na Inglaterra. Ambos haviam voltado à Portugal após a Revolução e ficaram extremamente alegres por encontrarem a Igreja em sua terra natal.

Mais quatro missionários chegaram do Brasil em dezembro, e em março outros cinco élderes brasileiros adicionais e mais quatro americanos que vinham diretamente da Missão de Treinamento Linguístico foram incluídos no grupo. Esses novos missionários foram os primeiros élderes a serem chamados especificamente para a Missão de Portugal.

O mês de abril foi um mês significativo para a Igreja de Jesus Cristo em Portugal. No dia 21 o Élder Thomas S. Monson e sua esposa chegaram e no dia seguinte foi feita a dedicação oficial de Portugal para a pregação do Evangelho. Um ônibus cheio de membros, missionários e investigadores esteve presente a essa cerimônia inspirada. Mais seis pessoas entraram para a Igreja em abril e um outro recorde de freqüência verificou-se nas reuniões sacramentais, com 75 pessoas presentes.

Estava claro agora que nem a casa da missão e escritório (um prédio) nem a sala do hotel seriam adequados por muito mais tempo. O irmão Peter Mourik, dos escritórios da Igreja na Alemanha, que havia visitado Portugal em novembro para preparar o caminho do Presidente Bangerter, veio novamente à Lisboa para ajudar na escolha do local mais adequado. Uma nova casa da missão e um escritório separado foram encontrados para serem ocupados em junho.

Noventa pessoas freqüentaram uma reunião combinada de Escola Dominical e reunião Sacramental, realizada a 16 de maio de 1975. Também nessa data as reuniões foram mudadas para um outro local do Hotel Roma que mais se adaptava ao número crescente de membros.

Além desse desenvolvimento no Portugal continental, o Presidente Bangerter também reorganizou o ramo da Igreja na ilha dos Açores. (Os Açores são considerados pelos portugueses do continente e pela Igreja como parte do Portugal continental embora estejam distantes mais de 1.000 quilômetros entre si). O Presidente Gaylor McCallson foi chamado para presidir o ramo. Ele é um Tenente Coronel da Força Aérea dos Estados Unidos que está aquartelada ali e tem 40 membros em seu ramo.

Como ainda não há missionários nos Açores e o trabalho missionário em Portugal está confinado à área metropolitana de Lisboa, o Presidente Bangerter está investigando o resto do país e logo os missionários estarão indo para o Porto, no norte de Portugal. O Presidente Bangerter tem também avaliado o potencial das ilhas da Madeira para o trabalho missionário.

O Presidente Bangerter e sua família deixaram Portugal em julho e foram substituídos por W. Lynn Pinegar e sua família, da Cidade do Lago Salgado, Utah. Quando os Pinegars chegaram eles encontraram perto de 100 santos dos últimos dias... um verdadeiro milagre de crescimento e uma evidência concreta de que a mão do Senhor está agindo nos assuntos de Sua Igreja em Portugal.

Família Pinegar — Na frente: Sister Pinegar, Jeanne. Atrás: Judd, Presidente Pinegar, Joseph e Johnn

Notícias Sobre o Templo

A construção do Templo da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias em São Paulo tem despertado entre os membros interesse em todo o mundo em fazer as suas contribuições.

Em Idaho, Estados Unidos, o bispo Clinton D. Nelson da 6.ª Ala de Rupert, ao ler no Church News notícias sobre a construção do Templo no Brasil, reuniu-se com seus conselheiros e traçaram uma meta de $ 1.000 dólares para esta construção.

Uma das irmãs desta Ala em Idaho, recebeu a designação de desenhar um quadro do Templo e colocá-lo no saguão da capela, e a cada resultado das contribuições a irmã pintava uma parte do quadro. Por fim a irmã teve que pintar gramados, árvores e até mesmo nuvens, porque a quantia desejada tinha sido ultrapassada, arrecadando-se $ 2.089.80 dólares mais da metade da quantia estabelecida inicialmente.

Em recente entrevista feita na Ala VIII, unidade pertencente a Estaca São Paulo Brasil, tivemos alguns depoimentos que nos trazem bastante alegria.

Na ocasião o bispo Jorge Flavio de Moraes nos dizia que as crianças de sua Ala estão fazendo verdadeiro sacrifício para que possam contribuir para a construção do Templo.

As crianças economizam seu dinheiro das merendas escolares e outras gusoleimas e no fim de cada mês estas quantias são doadas.

Jovens da SAM usam seus talentos (tricô, crochê, desenho) para arrecadarem fundos e fazerem contribuições para a construção do nosso Templo.

A Estaca São Paulo Oeste Brasil também tem demonstrado grandes sacrifícios com Alas que contribuem com grandes parcelas e outras Alas que estão realmente cobrindo suas quotas.

O segundo conselheiro da Ala VIII, irmão Valerio Kikushy disse em sua entrevista à redação de "A Liahona": "As contribuições para a construção do Templo estão indo bem, mas podem ser melhoradas".

Ao se aproximar o Natal, lembramos de Cristo e do muito que Ele fez por nós.

Será que nós estamos fazendo a nossa parte?

J. HARSTON